

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DO ALTO SÃO FRANCISCO

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

GUILHERME PAULINO COSTA

**MERCADO DE CAPITAIS: utilização dos instrumentos contábeis para alcance de um
investimento rentável na Bolsa de Valores**

LUZ - MG

2018

GUILHERME PAULINO COSTA

MERCADO DE CAPITAIS: utilização dos instrumentos contábeis para alcance de um investimento rentável na Bolsa de Valores

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco - FASF, como quesito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis, curso de Ciências Contábeis.

Área de concentração: Mercado de Capitais

Orientador: Pedro Henrique Melillo

LUZ - MG

2018

Catálogo: Antonio Jorge Resende Junior / Biblio. Crb 6/2041

Costa, Guilherme Paulino.
C87m Mercado de capitais: utilização dos instrumentos contábeis para alcance de um investimento rentável na Bolsa de Valores . / Guilherme Paulino Costa. Luz – MG: FASF -- 2018.
71 f.

Orientador: Prof Me. Pedro Henrique Melillo
Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Alto São Francisco no Curso de Ciências Contábeis.

1. Indicadores Financeiros. 2. Econômicos e de Ações. 3
Análise das Demonstrações Contábeis. 4. Análise Gráfica I.
Título.

CDD 657

GUILHERME PAULINO COSTA

MERCADO DE CAPITAIS: utilização dos instrumentos contábeis para alcance de um investimento rentável na Bolsa de Valores

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco - FASF, como quesito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis, curso de Ciências Contábeis.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Me. Pedro Henrique Melillo

Prof^ª. Me. Mônica Lucindo

Prof^ª. Esp. Denise Vasconcelos Macedo Chaves

Luz, 21 de Novembro de 2018

RESUMO

O presente estudo aborda a importância da utilização de instrumentos contábeis para alcance de um bom investimento na Bolsa de Valores. Teve como objetivo evidenciar a importância da utilização destes instrumentos, através do estudo de caso em uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais. Na realização deste estudo, foi feito levantamento bibliográfico no que diz respeito ao tema e coletados dados da empresa para cálculo dos indicadores referentes à análise fundamentalista e de ações, sendo esta realizada por meio de triangulação de dado, utilizando a cotação da ação como base. De acordo com os resultados, verifica-se que a análise das demonstrações contábeis é importante instrumento para um bom investimento no mercado de capitais, pois permite uma visão global sobre a situação da empresa. Por meio da análise horizontal e vertical, nota-se que a empresa apresentou regresso, sendo este resultado evidenciado também nos indicadores de liquidez, rentabilidade, endividamento e ações. A análise gráfica também demonstra queda nas ações entre o período de 2016 e 2017. Portanto, conclui-se que a utilização dos instrumentos contábeis, que são as análises dos demonstrativos das empresas, possibilita aos investidores obterem importantes informações para suas decisões, possibilitando maior segurança em suas negociações na Bolsa de Valores.

PALAVRAS-CHAVES: Indicadores Financeiros, Econômicos e de Ações. Análise das Demonstrações Contábeis. Análise Gráfica. Análise Fundamentalista.

ABSTRACT

The present study addresses the importance of the use of accounting instruments to achieve a good investment in the Stock Exchange. The objective was to highlight the importance of the use of these instruments, through the case study of a publicly-held company located in the Center-West of Minas Gerais. In the accomplishment of this study, a bibliographical survey was made regarding the subject and collected data of the company to calculate the indicators referring to the fundamentalist analysis and of actions, being this realized by means of triangulation of data, using the quotation of the action as base. According to the results, it is verified that the analysis of the financial statements is an important instrument for a good investment in the capital market, because it allows a global view on the situation of the company. Through horizontal and vertical analysis, we can see that the company has returned, and this result is also evidenced in the indicators of liquidity, profitability, indebtedness and actions. Graphical analysis also shows a decline in stocks between 2016 and 2017. Therefore, it is concluded that the use of the accounting instruments, which are the analysis of the company statements, enables investors to obtain important information for their decisions, allowing greater security in its negotiations on the Stock Exchange.

KEY-WORDS: Financial, Economic and Stock Indicators. Analysis of Financial Statements. Graphical Analysis. Fundamental Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diferença entre Mercado Primário e Secundário.....	20
Figura 2 - Ativo Intangível.....	25
Figura 3 - Gráfico de Linha.....	39
Figura 4 - Gráfico de Volume.....	40
Figura 5 - Gráfico de Barras.....	40
Figura 6 - Gráfico Ponto-figura.....	41
Figura 7 - Gráfico <i>Candlesticks</i>	42
Figura 8 - Oscilações dos Preços das Ações trabalhadas.....	58
Figura 9 - Variações das Cotações.....	58
Figura 10 - Variações das Cotações Trabalhadas.....	59
Figura 11 - Valores Mínimos.....	59
Figura 12 -Valores Máximos.....	60

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Análise Horizontal e Vertical do Ativo Circulante.....	47
TABELA 2 - Análise Horizontal e Vertical do Ativo Não Circulante	48
TABELA 3 - Análise Horizontal e Vertical do Passivo Circulante.....	49
TABELA 4 - Análise Horizontal e Vertical do Passivo Não Circulante	50
TABELA 5 - Análise Horizontal e Vertical do Patrimônio Líquido	51
TABELA 6 - Análise Horizontal e Vertical da Demonstração do resultado parte I.....	52
TABELA 7 - Análise Horizontal e Vertical da Demonstração do resultado parte II.....	52
TABELA 8 - Cálculos dos Indicadores de Liquidez	53
TABELA 9 - Cálculos dos Indicadores de Rentabilidade do Ativo	54
TABELA 10 - Cálculos dos Indicadores de Endividamento	55
TABELA 11 - Cálculos dos Indicadores de Ações	56
TABELA 12 - Valores das Ações Trabalhadas	60
TABELA 13 - Comparativo entre as cotações e seus indicadores	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Corretagem.....	17
Quadro 2 - Linha do tempo da Bolsa de Valores.....	18
Quadro 3 - Participantes da Bolsa de Valores.....	18
Quadro 4 - Postura dos Participantes.....	19
Quadro 5 - Formas de Garantias.....	21
Quadro 6 - Visões das Demonstrações Contábeis.....	22
Quadro 7 - Balanço Patrimonial.....	23
Quadro 8 - Investimentos Circulantes.....	23
Quadro 9 - Métodos de Depreciação.....	25
Quadro 10 - Expectativa de Preço Justo das ações.....	28
Quadro 11 - Classificação dos índices em função do tempo.....	36
Quadro 12 - Classificação dos índices em função do objeto.....	37
Quadro 13 - Índices Brasileiros.....	37
Quadro 14 - Características do Gráfico <i>Candlesticks</i>	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE	Composição do Endividamento
CPC	Comitê de Pronunciamentos Contábeis
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
DPA	Dividendo por Ação
LP	Longo Prazo
PCT	Participação de Capital de Terceiros
RDA	Rentabilidade de Ação
VPA	Valor Patrimonial por Ação
PLC	Patrimônio Líquido e Crescimento da Empresa
DRE	Demonstrações do Resultado do Exercício
BP	Balanço Patrimonial
DMPL	Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido
DVF	Demonstrações dos Fluxos de Caixa
DVA	Demonstrações do Valor Adicionado
ROA	Rentabilidade do Ativo
ROE	Rentabilidade do Patrimônio Líquido
IPL	Imobilização do Patrimônio Líquido
LPA	Lucro por ação
P/L	Preço sobre Lucro por Ação
C/RDA	Caixa sobre Rentabilidade da Ação
AC	Ativo Circulante
PC	Passivo Circulante

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa	14
1.2 Problema.....	14
1.3 Objetivos.....	15
1.3.1 Objetivo Geral.....	15
1.3.2 Objetivos Específicos	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Mercado de Capitais.....	16
2.1.1 Objetivo e linha do tempo da Bolsa de Valores (Bovespa)	17
2.1.2 Pessoas participantes de suas atuações	18
2.1.3 Mercado Primário e Mercado Secundário	19
2.1.4 Definição de Ações e Debêntures.....	20
2.2 Demonstrações Contábeis	22
2.2.1 Balanço Patrimonial.....	23
2.2.2 Demonstração do Resultado do Exercício	26
2.3 Análise das Demonstrações Contábeis.....	27
2.3.1 Análise Fundamentalista das Demonstrações Contábeis.....	27
2.3.1.1 Indicadores de Liquidez.....	28
2.3.1.2 Indicadores de Rentabilidade.....	30
2.3.1.3 Indicadores de Endividamento.....	32
2.3.2 Análise Vertical	33
2.3.3 Análise Horizontal.....	34
2.4 Indicadores de Ações.....	34
2.5 Análise Gráfica	38
3 METODOLOGIA	43
3.1 Sob o ponto de Vista da Abordagem.....	43
3.2 Sob o ponto de Vista dos Objetivos	43
3.3 Sob o ponto dos Procedimentos Técnicos	44
3.4 Unidade de Análise	45
3.5 Instrumentos de Coleta de dados	45
3.6 Técnica de Análise	46

3.6 Síntese do Referencial Teórico	46
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	47
4.1 Análise Fundamentalista da empresa situada no Centro-Oeste de Minas Gerais.....	47
4.2 Indicadores de Ações	56
4.3 Análise Gráfica	57
4.4 Síntese dos Resultados e Discussão	61
5 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	68

1 INTRODUÇÃO

O mercado de forma geral em seu início, era um local de encontro entre ofertadores e tomadores de recursos de forma presencial. Desde a época do escambo, a humanidade busca alternativas de gerar dinheiro. Para Pinheiro (2016), a economia nesse período era baseada na troca direta, sem intervenção de um instrumento monetário, representando o estágio típico de economias com atividades econômicas voltadas para o consumo imediato.

O mercado de capitais é uma ferramenta de compartilhamento de valores mobiliários, com o objetivo de transformar liquidez aos títulos emitidos por empresas de capital aberto, assim viabilizando o seu processo de capitalização de recursos da mesma. O grande influenciador na geração destes recursos vem da evolução da informática, perdendo a exigência física para corretagem, abrindo novas possibilidades e apresentando um cenário amplo e flexível para os clientes.

O mercado é importante para a economia mundial, movimentando pessoas, grupos, multidões, cidades, estados e países. Entretanto, apesar do crescimento deste tipo de mercado, parte dos investidores acabam correndo riscos, pois a falta de conhecimento do mercado pode vir a causar perdas e prejuízos a estas pessoas. As alterações e complexidades desse mercado de ações são diárias, e saber investir não equivale apenas em aplicar seu capital.

Segundo Braga (2009), o investidor deve manter-se atento aos fatores que poderão influenciar em suas compras e vendas de ações. Dentre essas informações, destacam-se aquelas que apresentam a situação particular da empresa, ou seja, seu estado financeiro e suas respectivas variações. Com base no estudo detalhado das demonstrações financeiras dessas empresas, os investidores poderão obter importantes dados e informações para suas decisões, além de permitir maior segurança em suas aplicações.

Um bom resultado no mercado de ações vem de uma cautelosa pesquisa e análise sobre determinada empresa, utilizando a transparência da bolsa de valores, os indicadores disponíveis e gráficos resultante das variações da empresa.

Por meios das análises dos demonstrativos financeiros das empresas, segundo Lins e Francisco Filho (2012), é possível identificar seus problemas econômicos e financeiros, conhecer e avaliar a evolução da entidade em relação a períodos anteriores, facilitando a obtenção de informações e, conseqüentemente, o processo de tomada de decisões.

Para Rossetti (2012), o segmento de mercado de capitais realiza operações sem prazos definidos, transacionando “pedaços” das empresas. Para fins de lucratividade, investir na

bolsa de valores é, dentre tantos, o investimento mais seguro, desde que as aplicações sejam realizadas com prudência.

Em vista disso, este Trabalho de Conclusão de Curso aborda o tema: Mercado de Capitais, com o objetivo de demonstrar a importância da utilização de instrumentos contábeis para alcance de um bom investimento na Bolsa de Valores, através de um estudo de caso em uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais.

1.1 Justificativa

Esse trabalho se justifica pelo fato que a boa avaliação do preço de ações pode vir a servir como uma importante ferramenta para gestores, além de servir como base para a tomada de decisões estratégicas, comerciais e econômicas. Podemos citar quatro grupos, além dos investidores, que fazem uso desta avaliação, sendo eles clientes, fornecedores, funcionários e o governo. Além disso, a análise de preço de ações também evidencia sua durabilidade, lucratividade e os resultados de uma empresa para a sociedade.

O desenvolvimento do trabalho tem o intuito de mostrar as utilidades da contabilidade para as pessoas que querem investir, destacando sua importância para o mercado de capitais. Sendo assim, destaca-se o papel do contador nas orientações para uma correta análise contábil, possibilitando ao investidor decidir por um negócio rentável na área das ações.

A pesquisa também é importante para o pesquisador no âmbito acadêmico, pois proporcionou a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre o tema abordado e colocá-los em prática, por meio de uma pesquisa aplicada.

Considerando a importância do tema, delimitou-se como objeto de pesquisa as demonstrações contábeis de uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais, publicadas no exercício de 2016 e 2017.

1.2 Problema

O trabalho teve como princípio o mercado de capitais, buscando evidenciar qual a importância da contabilidade para investimentos em bolsa de valores, sendo de que maneira o bacharel em Ciências Contábeis consegue, através da análise das demonstrações contábeis, indicadores de ações e análise gráfica, evidenciar a real situação econômico-financeira de uma empresa.

Diante do exposto, chegou-se a seguinte questão de pesquisa: Qual a importância da utilização de instrumentos contábeis para alcance de um investimento rentável na Bolsa de Valores, através de um estudo de caso em uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Demonstrar a importância da utilização de instrumentos contábeis para alcance de um investimento rentável na Bolsa de Valores, através de um estudo de caso em uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Coletar demonstrativos contábeis referentes aos anos de 2016 e 2017;
- Identificar a liquidez da sociedade anônima;
- Verificar balanços, demonstrações do resultado do exercício e suas ações;
- Realizar análise fundamentalista, gráfica e indicadores de ações da empresa;
- Evidenciar a importância da utilização de instrumentos contábeis para alcance de um bom investimento na Bolsa de Valores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Levando em consideração a questão problema e objetivos propostos pela pesquisa, nesta seção é apresentada a contextualização de mercado de capitais e os demonstrativos utilizados como base de análise neste estudo. Também apresentam-se as técnicas de análise fundamentalista, indicadores de ações e análise gráfica.

2.1 Mercado de capitais

Para Pereira (2013), o mercado exerce constantes mutações na economia brasileira, diante delas mantém-se a todo vapor, sempre movimentando e mudando, assim sendo um sistema de distribuição de valores mobiliários, movimentando o capital das empresas de capital aberto.

Na visão de Assaf Neto (2017), o mercado de capitais assume um dos papéis mais relevantes no processo de desenvolvimento econômico. É o grande unificador de recursos permanentes, ligando os investidores e aqueles carentes de recursos de longo prazo, os que apresentam déficit de investimento.

Para Pinheiro (2016), no mercado há dois principais princípios, são eles: contribuir para o progresso econômico propulsionando capitais para investimentos, gerando a formação da poupança privada e; consentir e direcionar a estrutura de uma sociedade pluralista baseando na economia de mercado. Assim, ele proporciona liquidez aos títulos de emissão de empresas e viabilizando seu processo de capitalização, constituído pelas bolsas de valores, sociedades corretoras e outras instituições financeiras autorizadas.

De acordo com Merton (2002), títulos de dívida de longo prazo e os títulos patrimoniais podem ser chamados especificamente como mercado de Capitais. Nele, os títulos são permitidos de maneira especial, assim não contendo os bancos como intermediários, não se empresta dinheiro e sim se compra participações do empreendimento.

Para Pinheiro (2016), “o mercado pode permitir e orientar a estruturação de uma sociedade pluralista, baseada na economia de mercado, permitindo a participação coletiva de forma ampla na riqueza e nos resultados da economia”.

Cavalcante (2009) afirma que o mercado de capitais é um conjunto de operações de médio e longo prazo, negociados diretamente entre poupadores e empresas ou através de intermediadores financeiros, bancários ou não, sempre destinada a financiamento de

investimento fixos, ou seja instrumentos feitos para produzirem benefícios para a investidora sem destinação para negociação.

Um dos locais de negociação de ações no Brasil é na Bolsa de Valores. A seguir, será explanando o objetivo e a linha do tempo desta instituição.

2.1.1 Objetivo e linha do tempo da Bolsa de Valores (Bovespa)

Na visão de Pereira (2013), a Bolsa de Valores tem por objetivo promover segurança e eficiência das negociações, desenvolver um sistema de registro e liquidação das operações com liquidez, segurança aos títulos negociáveis e sempre fiscalizando o cumprimento entre seus membros e das sociedades emissoras.

Facilitando a troca de fundos entre empresas que necessitam de financiamento, proporcionando liquidez aos investidores, podendo assim recuperar seu investimento quando precise, usando desse mercado para vender seus ativos, exercendo sua função de intermediação de títulos e valores mobiliários.

Para Pinheiro (2016, p. 240), as bolsas são

instituições de caráter econômico que têm como objeto a negociação pública mercantil de títulos e valores mobiliários, ou seja, é um local onde se compram e vendem ações. Nelas ocorre a canalização da oferta e demanda dos investidores e a publicação oficial dos preços ou cotações resultantes das operações realizadas.

Para Cavalcante (2009), a bolsa segue requisitos como ter livre pluralidade e concorrência, com produtos sempre homogêneos e muita transparência nos preços, interligando esses objetivos com suas funções entram as corretoras trabalhando da seguinte forma:

Quadro 1 - Corretagem.

Corretora A (vendedores)	Corretora B (compradores)
Realiza o cadastro do investidor.	Realiza o cadastro do investidor.
Recebe os documentos comprobatórios da propriedade das ações.	Recebe recurso suficiente para pagar pelas ações compradas.
Encaminha uma ordem de venda.	Encaminha uma ordem de compra.
Quando a demanda pelas ações encontra a oferta, o negócio se realiza.	Quando a oferta pelas ações encontra a demanda, o negócio se realiza.

Fonte: Adaptado de Cavalcante (2009).

A Bovespa está localizada na capital paulista e fica situada no centro, sendo uma entidade auto reguladora que opera sob a supervisão da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Constitui no principal mercado de negociação de ações existentes no Brasil, sendo reconhecida como a maior bolsa de valores da América Latina e a oitava maior do mundo. Segundo Assaf Neto (2010), sua linha do tempo é as seguinte:

Quadro 2 - Linha do tempo da Bolsa de Valores.

1890	Origem da Bovespa com a criação da Bolsa Livre.
1960	Formação da instituição mutualizada bolsa de valores de São Paulo (Bovespa) sem fins lucrativos.
1970	As cotações e demais informações passaram a ser divulgadas entre investidores e interessados de forma eletrônica e imediata.
1980	Foram criados os Fundos Mútuos de ações e previdência.
1990	Introdução do sistema eletrônico de negociação de renda variável. Foi criada também a companhia e custódia (CBLC).
2000	Foi lançado o Bovespafix, sistema eletrônico de negociação de títulos de renda fixa.
2002	As negociações em bolsa passaram a ser realizadas de forma totalmente eletrônica.
2007	Desmutualização da Bovespa, sendo criada a Bovespa Holding S.A.
2008	Integração da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) e a Bolsa de valores de São Paulo, criando a BM&F Bovespa S.A.

Fonte: Adaptado de Assaf Neto (2010).

Tendo interesse, qualquer pessoa pode efetuar aplicações na Bolsa de Valores, conforme demonstrado no tópico a seguir.

2.1.2 Pessoas participantes e suas atuações

Para Pinheiro (2016), qualquer pessoa pode participar de investimentos, pessoas físicas ou jurídicas, basta conterem um mesmo interesse, são eles:

Quadro 3 - Participantes da Bolsa de Valores. (Continua)

Tomadores de Capitais	de	Empresas para obter recursos para seus investimentos;
Ofertadores de Capitais	de	Empresas ou participantes adicionando suas sobras para gerar; algum ganho; e os
		Instituições financeiras que tem papel muito importante, já se

Mediadores	aproximam as demandas dos compradores com as ofertas dos vendedores de títulos.
------------	---

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

Ainda de acordo com Pinheiro (2016), os participantes podem atuar dentre três tipos de postura diante das operações de, assim são elas:

Quadro 4 - Postura dos Participantes.

Especuladores	Contém uma visão para obter lucros financeiros em curto prazo, não se preocupando com as ações compradas;
Investidores	São pessoas que utilizando desse mercado para conseguir lucros em longo prazo; e os
Gestores financeiros	Utiliza esse mercado para realizar a gestão da empresa, em prazo adequado.

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

Dentro do mercado de capitais existe o mercado primário e o secundário, assunto a ser abordado no tópico a seguir.

2.1.3 Mercado primário e mercado secundário

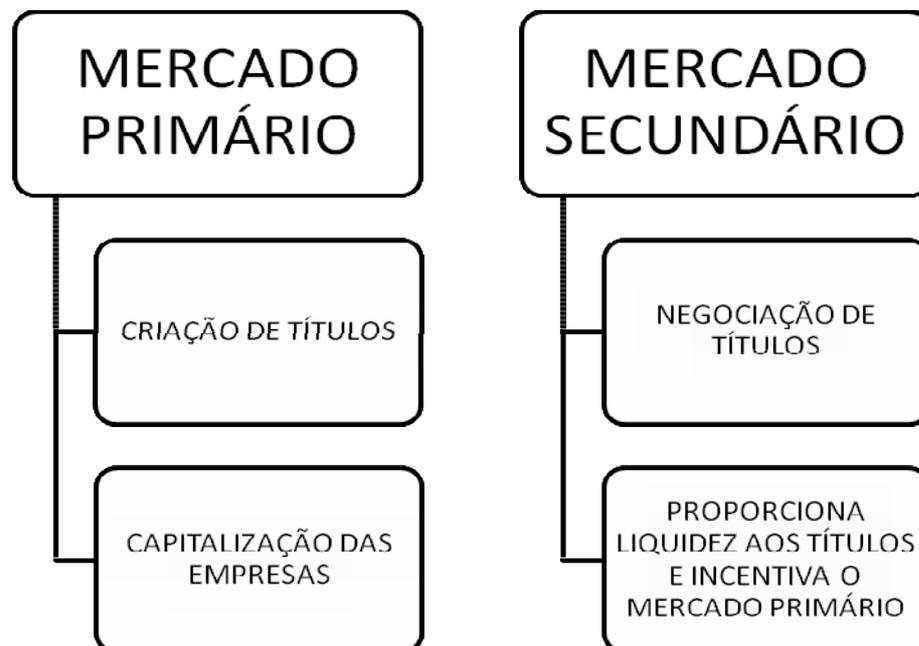
O mercado primário é aquela ação que foi lançada em primeira mão pela empresa com intuito de aumentar seu capital, uma vez feito isso as ações passam a serem negociadas no mercado secundário. Para Assaf (2017), é no mercado primário onde as empresas buscam arrecadar efetivamente, os recursos próprios necessários para a integração de seu crescimento.

De acordo com Assaf Neto (2010), são no mercado secundário que as renegociações das ações do mercado primário entre agentes econômicos são estabelecidas.

Pinheiro (2016) completa a definição do mercado secundário, especificando suas características, as quais são variadas entre a transparência, liquidez e eficiência. A transparência tem como significado o acesso fácil e livre informação sobre preços, oferta e demanda. Diante da liquidez, está a facilidade de compra e venda de ações, minimizando o risco de perda e a eficiência praticamente é a velocidade que o mercado secundário acompanha e ajusta os preços, assim o investidor operará com mais eficiência esse ramo.

Suas diferenças são simples, sendo que o mercado primário representa a caracterização pela emenda de recursos na empresa, enquanto o secundário apresenta mera transparência entre compradores e vendedores de ações. As diferenças entre eles são visualizada a seguir:

Figura 1 - Diferença entre Mercado Primário e Secundário



Fonte: Adaptado de Cavalcante (2009).

Dentro do mercado de ações, existe a presença de ações e debêntures, cujo conceito será apresentado no tópico a seguir.

2.1.4 Definição de Ações e debêntures

Cavalcante (2009) cita que a ação é indivisível e representa a menor parcela do capital social de uma empresa (sociedade anônima, sociedade por ações ou companhia). A ação proporciona ao investidor um ar e um pequeno poder sobre a empresa sendo um sócio, ou acionista. Elas são consideradas contabilmente como um crédito não exigível do acionista para a companhia, sendo um instrumento financeiro elaborado para arrecadar fundos a fim de cumprir seus objetivos sociais sem prazo para resgate e negociadas na bolsa de valores.

As ações são divididas entre ordinárias e preferenciais, as ordinárias são ações com direito a voto com percentual acima de 50%, abrangendo alteração da denominação social, mudança de sede social, mudança do objeto social, no todo ou em parte e liquidação da companhia, para Pinheiro (2016, p. 214),

são nas assembléias gerais de acionistas e nas convocações especiais que o acionista ordinário vota, sendo o peso do seu voto correspondente à quantidade de ações que possui, podendo dessa maneira participar das decisões, lucros e riscos do negócio, decidindo o seu destino.

As preferências por sua vez, são ações com preferências na distribuição dos resultados. Cavalcante (2009, p. 114), afirma que essa ação se caracteriza por entregar a seu proprietário determinadas vantagens patrimoniais em relação às ações ordinárias, renunciando o direito a voto nas assembleias gerais. Das preferências desta ação, estão a distribuição de resultados, o reembolso de capital e na acumulação das situações anteriores.

Quanto às debêntures, conforme os conceitos de Pinheiro (2016) são títulos emitidos por sociedade anônima (autorizada pela CVM) e tem por objetivo captar recursos financeiros para projetos de investimentos, caracterizando-se assim como título de valor mobiliário tendo sua remuneração baseada em taxas de renda.

Cavalcante (2009, p. 129), afirma que “as debêntures estão entre os mais antigos tipos de investimento do Brasil.” Mantendo uma legislação original desde a época do império, mantendo a comunhão do debenturista até hoje.

Elas são emitidas em séries com uniformidade e garantia aos consumidores remuneração em prazo certo e definido. Através de sua emissão, a entidade consegue, de maneira econômica, satisfazer sua área financeira evitando recorrer a operações de curto prazo. Assaf Neto (2010, p. 73), cita diferentes formas de garantias e as mais comuns são:

Quadro 5 - Formas de Garantias.

GARANTIAS	
Garantia Real	Todos ativos das sociedades emissoras são feitos de garantia aos debenturistas como pagamentos de seus direitos creditórios.
Garantia Flutuante	Os titulares das debêntures assumem prioridade geral sobre seus ativos, sem qualquer impedimento na negociação.
Garantia Quirografária	Esta garantia é voltada para concorrência igualada aos demais credores, sem preferência sobre os ativos (garantia real)
Garantia Subordinada	Caso haja liquidação da sociedade emissora, os investidores terão privilegio em relação aos acionistas.

Fonte: Adaptado de Cavalcante (2009).

2.2 Demonstrações contábeis

Segundo Braga (2009), as demonstrações contábeis têm por objetivo o fornecimento de informações que sejam úteis na tomada de decisões, assim satisfazendo as necessidades comuns de seus usuários, que usufruem delas para decisões econômicas.

Padoveze e Benedicto (2010) afirmam que, para o gerenciamento empresarial, a comparabilidade é importante em seus variados aspectos, a comparação com períodos passados; comparação com padrão setorial; comparação com períodos orçados; comparação com padrões internacionais; comparações com empresas concorrentes, com esses aspectos seus usuários traduzem as demonstrações contábeis em indicadores econômico-financeiros.

Bruni (2010) aponta três visões diferentes e complementares que as demonstrações contábeis esboçam, sendo elas:

Quadro 6 - Visão das Demonstrações Contábeis.

Visão do patrimônio	Busca entender de modo geral o patrimônio da entidade, entendendo como os investimentos estão sendo distribuídos. Essa visão está associada ao balanço Patrimonial, o primeiro e o mais importante relatório emitido pela empresa.
Visão do Lucro	É marcada por entender a evolução da riqueza, feita para os donos do empreendimento, tal visão é associada à demonstrações de resultado do exercício, apresentando a evolução da riqueza da entidade.
Visão do Caixa	Essa visão busca entender a liquidez da empresa, sendo associada à demonstrações de Fluxo de Caixa, apresentando a evolução dos ativos mais líquidos.

Fonte: Adaptado de Bruni (2010).

De acordo com Braga (2009), as demonstrações contábeis normalmente elaboradas pela empresa são as seguintes: Balanço Patrimonial (BP); Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido (DMPL), Demonstrações dos Fluxos de Caixa (DFC) e a Demonstração do Valor Adicionado (DVA).

Padoveze e Benedicto (2010) afirmam que a base da estruturação das informações para a condução de modelo de gestão são os demonstrativos contábeis de uma empresa, sendo que os mais utilizados são o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício. Sendo assim, o BP torna-se um modelo de mensuração e informação do investimento; em contrapartida, a DRE é o modelo de mensuração e informação do lucro.

No t3pico seguinte, ser3 explanado sobre o Balanço Patrimonial da empresa, demonstrativo fundamental para an3lises.

2.2.1 Balanço Patrimonial

Para Padoveze e Benedicto (2010), o Balanço Patrimonial 3 a pe3a cont3bil mais importante para fins de an3lise.

Braga (2009), alega que este demonstrativo tem como objetivo demonstrar a situa33o do patrim3nio da empresa, geralmente ao t3rmino de cada exerc3cio social. Ele deve representar as formas quantitativas e qualitativas e a posi33o financeira patrimonial da entidade, composta por bens, direitos e obriga33es em momentos. Sua elabora33o dever3 ser classificada de acordo com os elementos do patrim3nio, de tal modo facilitando o reconhecimento e a an3lise.

Para Silva (2010), os grupos de contas do Balanço Patrimonial s3o:

Quadro 7 - Balanço Patrimonial.

ATIVO	PASSIVO
Circulante	Circulante
N3o Circulante	N3o Circulante
Ativo realiz3vel a longo prazo	
Investimentos	Patrim3nio L3quido
Imobilizado	Capital social
(-) Deprecia33o	Reservas de capital
Intang3vel	Ajustes de avalia33o patrimonial
	Reserva de lucros
	(-) A33es em tesouraria
	Preju3zos acumulados

Fonte: Adaptado de Silva (2010).

O ativo circulante de acordo com Braga (2009), 3 um grupo que abrange os investimentos circulantes, s3o eles:

Quadro 8 - Investimentos Circulantes.

Aplica33es em disponibilidades	Caixa, bancos, aplica33es em t3tulos vinculados ao mercado aberto de liquidez imediata.
Direitos de Cr3dito sobre clientes e outros devedores	Contas a receber, duplicatas a receber e clientes.
Estoques	Mercadorias, mat3rias-primas, produtos em elabora33o, produtos acabados.

Fonte: Adaptado de Braga (2009).

Além desses investimentos, outros bens e direitos realizáveis no exercício social seguinte com prazo em até 12 meses da data do balanço. Silva (2010) afirma que todos os ativos restantes devem ser classificados como ativos não circulante. O ativo circulante é composto ativo realizável a longo prazo e ativos permanentes.

O ativo realizável em longo prazo, para Moraes Junior (2010), é composto por direitos realizáveis após o término do exercício, assim como os derivados de vendas, adiantamentos ou empréstimos a sociedades coligadas ou controladas.

De acordo com Martins, Miranda e Diniz (2018), o ativo realizável a longo prazo é constituído por direitos realizáveis após o término do exercício social seguinte.

Investimentos têm como característica não destinar a atividade operacional da empresa, podendo ser participações em outras entidades, terrenos e imóveis para aluguel.

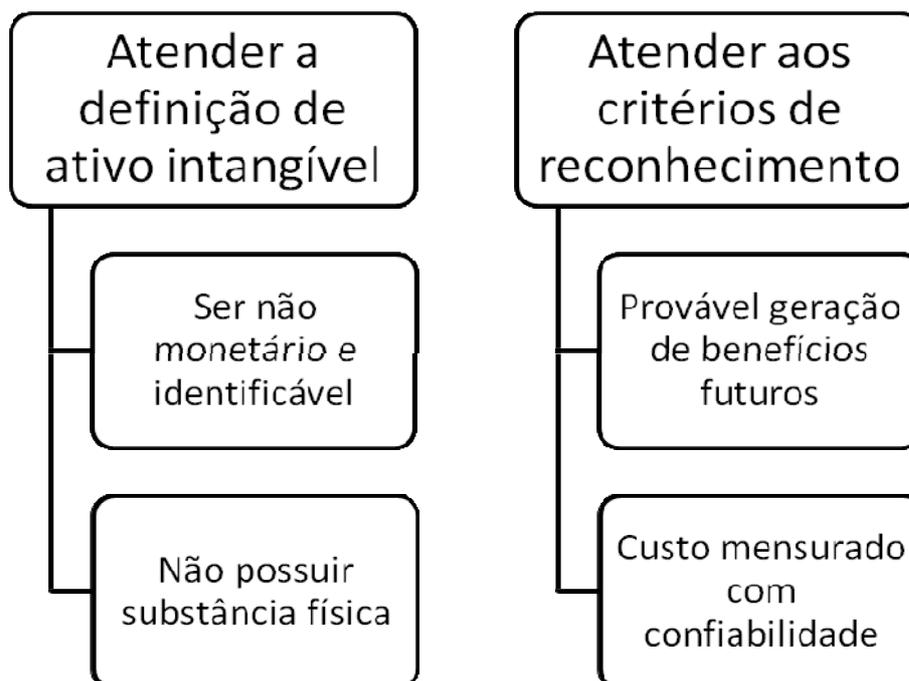
Nos conceitos de Silva (2010), o ativo permanente é dividido em quatro subgrupos o investimento, imobilizado, intangível e depreciação, amortização e exaustão. No subgrupo de investimentos, serão classificadas as participações societárias e direitos de qualquer natureza tais direitos não classificados como ativo circulante e que não precisem da manutenção da entidade.

Para Braga (2009), o subgrupo dos imobilizados tem por objetivo classificar bens corpóreos (físicos), assim destinados às atividades da empresa. Devida a essa classificação é obrigatório a análise periodicamente sobre a recuperação dos valores registrados, como perdas de valor do capital aplicado e caso a empresa adquira um bens o valor contábil deverá incluir todas as despesas tais como fretes, seguros, impostos e instalações.

De acordo com o Conselho Federal de Contabilidade, em sua Norma Brasileira de Contabilidade (NBC) nº 04, o subgrupo intangível é um ativo não monetário (representado por dinheiro ou direitos a serem recebidos em uma quantia fixa ou determinável de dinheiro) identificável sem substância física.

O ativo intangível, na visão de Ferrari (2012), é composto pelos bens incorpóreos destinados à manutenção da companhia, inclusive o fundo de comércio adquirido (ágio por expectativa de rentabilidade futura ou *goodwill*).

Como ele não é um bem físico, é importante identificar sua existência para que ele seja reconhecido pela entidade. Sua identificação é feita da forma apresentada pela **Figura 2**, a ser apresentada abaixo, onde será evidenciado a definição do ativo intangível seus critérios de reconhecimento.

Figura 2 - Ativo Intangível.

Fonte: Adaptado de Conselho Federal de Contabilidade (2008).

Por último, encontra-se no ativo a depreciação, amortização e exaustão, que, de acordo com Silva (2010), são constituídas em um subgrupo, onde são classificadas as despesas e os gastos de reestruturação da entidade.

Segundo o Conselho Federal de Contabilidade, na NBC nº 27, cada parte que possua custo significativo de ativo permanente imobilizado, deve ser depreciado separadamente, sendo o custo de depreciação em cada período reconhecido no resultado do período e o valor depreciável de um ativo deve ser distribuído em uma base sistemática, durante sua vida útil.

Os métodos de depreciação, amortização e exaustão mais conhecidos são:

Quadro 9 - Métodos de Depreciação.

Método linear	Resulta em despesa constante durante a vida útil do ativo, caso o seu valor residual não se altere.
Método da somas dos dígitos	Resulta em despesa decrescente durante a vida útil do ativo.
Método por unidades produzidas ou horas trabalhadas	Resulta em despesa baseada no uso ou produção esperados.

Fonte: Adaptado de Conselho Federal de Contabilidade (2008)

Ao lado direito do Balanço Patrimonial, temos o Passivo Circulante, Passivo não Circulante e o Patrimônio Líquido. De acordo com Braga (2009), são classificados no passivo

circulante os débitos de financiamento da empresa, são elas obrigações (dívidas contraídas junto a fornecedores, salários, encargos sociais e impostos a pagar.

Por outro lado, Silva (2010), afirma que todos os passivos podem ser classificados como não circulante, tendo por base o ciclo operacional de cada empresa.

Ainda do lado direito do Balanço, temos o Patrimônio Líquido, que, segundo Braga (2009), é integrado por contas representativas de capitais próprios, os recursos originados de sócios ou acionistas. Sua divisão é efetuada por subgrupos, dentre os quais Capital Realizado, Reservas de Capital, Ajuste de Avaliação Patrimonial e Reversas de Lucros.

A seguir, será apresentada outra demonstração contábil, que a Demonstração do Resultado do Exercício, também utilizada para fins de análise.

2.2.2 Demonstrativo do Resultado do Exercício (DRE)

Gonçalves e Baptista (2010), conceitua a Demonstração do Resultado do Exercício por apresentar de forma resumida, as operações realizadas pela empresa, durante o exercício social destacando o resultado líquido do período, com o objetivo de fornecer aos seus usuários dados básicos da apuração do resultado do exercício, usando para apuração das contas de resultados, são elas receitas, custos e despesas.

Para Silva (2010), essa apuração facilita a capacidade do usuário ou pesquisador a prospectar com relação ao futuro da entidade.

A Lei nº 6.404/1976 disciplina a apresentação da Demonstração do Resultado do Exercício, assim sendo obtida com o valor total da receita apurada nas operações de vendas, do qual é deduzido o custo total correspondente a essas vendas, apurando-se o resultado bruto, que, se positivo, se denomina Lucro Bruto.

Matarazzo (2010) afirma a demonstração do resultado do exercício é a especificação de aumentos e reduções causadas no Patrimônio Líquido em operações na empresa, representando como receitas o aumento do ativo. Aumentando o ativo respectivamente aumenta o Patrimônio Líquido (PL) e as despesas são representações da redução do ativo ou aumento do passivo exigível, contudo todas as receitas e despesas se encontram na DRE, fornecendo informações sobre a empresa.

De acordo com Bruni (2010), as entidades existem com o objetivo de gerar lucro, tendo como forma de relevar as ocorrências envolvendo a demonstração de lucro ou prejuízo assim efetivado no período.

Essas demonstrações estão sujeitas à análise das demonstrações contábeis, que, segundo Assaf Neto (2010), visa extrair informações sobre a posição passada, presente e futura de uma empresa.

2.3 Análise das Demonstrações Contábeis

Para Viceconti e Neves (2013), a análise das demonstrações contábeis é o estudo da situação da entidade, através da decomposição, comparação e interpretação do conteúdo dos demonstrativos financeiros, objetivando obter informações reais sobre a situação da empresa.

De acordo com Silva (2010), o progresso do investimento depende principalmente da capacidade do investidor analisar, visando como objetivo básico descobrir se está na hora de comprar ou vender ações de certa empresa.

A seguir, será explanada uma forma de análise, que é a fundamentalista, que visa dar suporte a tomada de decisões.

2.3.1 Análise Fundamentalista das Demonstrações Contábeis

Segundo Pinheiro (2016), no ano de 1929, em um curso ministrado por Benjamin Graham na universidade de Columbia em Nova York, surge à chamada Análise fundamentalista, revolucionando a análise de investimentos em ações, possuindo uma grande relevância nos dias atuais.

A metodologia utilizada para essa análise, busca determinar o preço justo de uma ação avaliando os dados macroeconômicos, em conformidades com as demonstrações e informações da companhia. Para Cavalcante (2009), o preço justo é avaliado pelo Patrimônio Líquido e Crescimento PLC da companhia, PL calculado a valor de mercado, fluxo de caixa descontado, cotação em mercado e outros critérios aceito pela CVM.

Segundo Silva (2010), seu principal objetivo é dar suporte à tomada de decisão de investidores em relação às ações que devem ser compradas ou vendidas, sendo realizada pelos analistas do mercado de capitais. É uma técnica onde os fundamentos econômicos da empresa e o desempenho de suas ações no mercado de capitais são alvos de análise. Também são realizadas projeções a partir do estudo de características particulares de cada empresa, a partir da análise histórica da mesma.

A análise fundamentalista, segundo Pinheiro (2016), é o estudo de todo conhecimento disponível no mercado o com intuito de visualizar seu verdadeiro valor. Seu principal objetivo é qualificar a atuação da empresa objetivando o valor dela. Portanto, estuda os fatores de mercado, preço e volume, descobrindo supervalorização ou subvalorizações, com base em informação ainda não negociada pelo mercado. A estimativa de uma ação usando a análise fundamentalista é baseada nas demonstrações financeiras passadas, na situação atual da economia, em estimativas futuras e no valor de todas as ações negociadas, e por último, no grau de confiança do investidor em relação ao grau de intervenção governamental.

O preço justo das ações é calculado diante da expectativa dos bons resultados futuros, avaliando:

Quadro 10 - Expectativa de Preço Justo das ações.

Patrimônio líquido contábil da companhia.
Patrimônio líquido calculado a valor de mercado.
Fluxo de caixa descontado.
Cotação em mercado, ou valor de negociação da ação.

Fonte: Adaptado de Cavalcante (2009).

Dentro da análise fundamentalista, podem-se avaliar os indicadores de liquidez, que buscam evidenciar a liquidez e solvência das empresas.

2.3.1.1 Indicadores de Liquidez

De acordo com Bruni (2010), os indicadores de liquidez estudam a solvência de honrar as obrigações efetuadas pela entidade.

Marion (2010) cita que os índices de liquidez são utilizados para avaliar a capacidade de pagamento da empresa.

Dentre os indicadores de liquidez, existe a liquidez seca. Para Silva (2010), o indicador de liquidez seca é muito útil quando há necessidade de verificar a capacidade de pagamento da entidade, em um momento que o giro de estoque está baixo, refletindo uma má gestão das compras.

Sua fórmula é a descrita abaixo:

$$\text{Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{}}$$

Passivo Circulante

De acordo com Iudícibus (2017), a liquidez seca é um indicador para se avaliar conservadoramente a liquidez da empresa, pois se elimina uma fonte de incertezas, que são os estoques. O cálculo é obtido através da retirada total do estoque de seu ativo circulante e dividido pelo passivo circulante. Sua interpretação é simples, significando que, quanto maior o índice, melhor.

Outro indicador de liquidez é a liquidez corrente, que, de acordo com Silva (2010), mostra quanto à entidade possui em dinheiro, bens ou direitos realizáveis em curto prazo, assim comparando suas dívidas em mesmo período, sendo utilizado para medir a situação financeira.

Bruni (2010), afirma que a liquidez corrente é uma forma rotineira de se analisar a liquidez de uma empresa, onde demonstra a solvência de curto prazo entre ativos e passivos circulantes.

A liquidez corrente pode ser calculada da seguinte forma:

$\text{Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$
--

De acordo com o autor citado acima, o resultado deste índice baseia na interpretação do quanto maior melhor, tendo como referência R\$1,00 do seu ativo. Logo, o resultado da liquidez corrente subtraído pela referência marca seu superávit ou seu déficit.

Também existe a liquidez imediata, que conforme Silva (2010), não está entre a mais importante, pois as empresas acabam mantendo poucos valores disponíveis, em contrapartida as dívidas podem ter vencimentos em até 360 dias. Este índice pode haver maior significado quando for calculado de acordo com o fluxo mensal de caixa mensal.

O resultado a liquidez imediata é obtido pela fórmula abaixo:

$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$
--

Segundo Viceconti e Neves (2013), indica o quanto, para cada R\$1,00 de dívidas de curto prazo, a empresa dispõe em dinheiro para pagar, sendo calculada através da razão entre disponibilidade e passivo circulante. A obtenção de seus resultados também tem sua interpretação do quanto maior melhor, se seu valor for maior comparado à R\$1,00 a entidade tem maior superávit para quitar suas obrigações, direitos e fornecedores.

A liquidez geral, também pertencente ao grupo de indicadores de liquidez, segundo Braga (2009) indica este índice com a capacidade de mostrar todas as solvências em cumprir compromissos entre credores de curto e longo prazo. Sua fórmula é descrita a seguir:

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável em Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível em Longo Prazo}}$$

Conforme Assaf Neto (2010), o indicador mostra o quanto existe de bens e direitos no ativo circulante e não circulante para cada R\$1,00 que a empresa mantém de dívida.

Para Braga (2009), o resultado de tal índice não poderá ser inferior a 1,00, podendo assim informar a situação financeira da empresa.

Segundo Silva (2010), o resultado tem a finalidade dos créditos a receber e dos financiamentos de longo prazo, visando à realização dos mesmos.

2.3.1.2 Indicadores de Rentabilidade

Para Bruni (2010), os indicadores de rentabilidade estudam a remuneração das fontes de capital das entidades, podendo ser própria ou de terceiros.

Dentro do grupo de indicadores de rentabilidade, encontra-se o giro do ativo, que, segundo o autor acima, indica as vezes que o ativo se reconstituiu em comparação com as vendas.

Conforme Silva (2010), ele é um indicador que ressalva as vendas e os investimentos totais efetuados no período, assim demonstrando o nível de eficiência dos recursos utilizados, sendo composto pelo ativo total ou o ativo médio variando da base do ativo.

Sua fórmula é a descrita abaixo:

$$\text{Giro do Ativo} = \frac{\text{Vendas Líquidas}}{\text{Ativo Total}}$$

Na visão de Ribeiro (2014), a representação do índice quanto maior seu valor, melhor é seu desempenho, diante do resultado podemos avaliar e expor um parecer, avaliando os efeitos da inflação e a reavaliação de ativos.

Outro indicador de rentabilidade, segundo Silva (2010), é a margem líquida, conhecida como retorno de vendas, este índice tem como prioridade apresentar o percentual de lucratividade. Muitos dos fatores influenciam a rentabilidade de uma empresa, sendo eles, o ramo de atividade, o local, a rotatividade de estoque e a produtividade.

A margem líquida pode ser obtida pela seguinte fórmula:

$$\text{Margem Líquida} = \frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Vendas líquidas}}$$

Para Ribeiro (2014), a margem líquida, não existe um índice ideal, ele será analisado e comparado diante das objeções atribuídas, tais como seu Lucro Líquido e suas Vendas Líquidas, demonstradas em suas Demonstrações Contábeis.

Outro indicador é a rentabilidade do ativo, cujo objetivo, para Silva (2010), é medir a eficiência global da direção da empresa em sua geração de lucros.

Sua fórmula é apresentada a seguir:

$$\text{Rentabilidade do Ativo (ROA)} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}}$$

Ainda de Silva (2010) o seu resultado é multiplicado por 100, assim tendo como referência a porcentagem da variação do lucro em relação ao ativo total. A maior porcentagem calculada esboça o capital econômico da empresa, referindo aos seus sócios ou partes captadas de terceiros.

O indicador da rentabilidade do patrimônio líquido, conforme Bruni (2010, p.214) “expressa os resultados globais auferidos pela gerência na gestão de recursos próprios e de terceiros e benefícios dos acionistas.”

Seu cálculo é por meio da fórmula descrita abaixo:

$$\text{Rentabilidade do Patrimônio Líquido (ROE)} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Segundo Bruni (2010), ao analisar seu resultado, pode-se optar por mediar à relação com o lucro líquido e o saldo do PL. Seu resultado é do tipo, quanto maior melhor, representando ganhos sob ponto de vista do dono de tal entidade.

Outro grupo de indicadores da análise fundamentalista é o de endividamento, que visam verificar a participação de capital de terceiros e de capital próprio no financiamento das atividades da organização. Tal grupo é apresentado no tópico a seguir.

2.3.1.3 Indicadores de Endividamento

Bruni (2010) compara os indicadores de endividamento com indicadores da estrutura de capital, indicando a estruturação das fontes de financiamentos, tais fontes assumidas pela entidade entre capitais recebidos pelos sócios e de terceiros.

Dentre os indicadores de endividamento, temos o de participação de capital de terceiros (PCT), que, de acordo com Bruni (2010), mostra a participação de capitais de terceiros, evidenciando a relação entre recursos colocados por terceiros e investimentos feitos pelos sócios.

Silva (2010) afirma que o índice mede os níveis de imobilização de recursos, assim buscando a identificação de várias relações na estrutura de dívida da empresa.

Seu cálculo é obtido pela seguinte fórmula:

$$\text{Participação de Capitais de Terceiros} = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível Longo Prazo}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$$

Conforme Bruni (2010), seu resultado parte da resolução do quociente obtido, indicando quanto de terceiros a empresa captou para cada R\$ 1,00 colocados por seus sócios.

Outro indicador de endividamento é composição do endividamento, que, segundo Silva (2010), busca mensurar a quantidade de dívida com vencimento em curto prazo em relação a dívida total.

Sua fórmula é apresentada abaixo:

$$\text{Composição de Endividamento (CE)} = \frac{\text{Passivo Circulante}}{(\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível LP})}$$

De acordo com Silva (2010), o resultado identificado resulta na interpretação do quanto menor melhor, permitindo ao analista identificar as causas de determinadas variações.

Tem vez dentro do grupo de endividamento o indicador de imobilização do Patrimônio Líquido, que, para Assaf Neto (2017), analisa o quanto de recursos de longo prazo está imobilizado. Se o índice for inferior a 1, significa que existe folga financeira e que uma parcela do passivo não circulante, que excede aos ativos não circulantes, está financiando o ativo circulante, produzindo maior liquidez para a empresa.

Seu cálculo é efetuado pela fórmula abaixo:

$$\text{IPL} = \frac{(\text{Ativo Investimentos} + \text{Ativo Imobilizado} + \text{Ativo Intangível})}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Conforme Bruni (2010), a interpretação é simples, demonstrando, que, para cada R\$ 1,00 de recursos de longo prazo, quanto foi imobilizado. Entretanto, quanto menos recursos de longo prazo, melhor seria a folga financeira da entidade.

2.3.2 Análise Vertical

Segundo Padoveze e Benedicto (2010), é denominado como análise vertical o estudo de participações percentual, assumindo 100% de um determinado elemento patrimonial em relação aos demais. A análise vertical permite uma visão de custos e despesas, sendo explorada ao máximo, assim extraindo informações de suma utilidades.

Matarazzo (2010, p. 176) afirma que seu objetivo é “mostrar a importância de cada conta em relação à demonstração financeira a que pertence e, através da comparação com padrões do ramo ou com percentuais da própria empresa em anos.” A análise mostra a falta de dinheiro em determinados períodos, geralmente em carência de moeda a curto prazo ou reformulação de prazos de duplicatas. Sua falta é resultante de cinco motivos, são eles desempenho de vendas além do esperado; despesas descontroladas; prejuízos; má administração e; excesso de investimento.

Para Silva (2010, p.110), a análise vertical “também é chamada de análise de estrutura das demonstrações”, assim estabelecendo tendências mostrando seus efeitos e descobrindo suas causas.

2.3.3 Análise Horizontal

Análise horizontal, também conhecida como análise de tendências, marca a evolução de contas a um longo período, de forma evolutiva ou retrospectiva. Para Silva (2010), sua metodologia é primordial para a descoberta e avaliação no tempo, mostrando caminhos percorridos pela entidade montado cenários vivenciados.

De acordo com Padoveze e Benedicto (2010, p.199) “toma-se como 100% todas contas de um determinado período e faz-se um relação percentual em cima dos dados desse período.”

Segundo Braga (2009), vale ressaltar que, a análise horizontal complementa a análise vertical e a partir do cálculo podemos conhecer a composição percentual de um e de todos os elementos patrimoniais, o tipo de recurso e a margem de contribuição na formação de resultados dos exercícios.

2.4 Indicadores de Ações

Segundo Braga (2009), o exame cauteloso das demonstrações financeiras permite aos investidores obter dados importantes para suas decisões.

Izidoro (2015) afirma que, para ser um investidor, é fundamental ser bem informado e ter capacidade de leitura do ambiente da empresa.

Dentre as formas de examinar os demonstrativos, podem-se utilizar os indicadores de ações. O primeiro a ser abordado é o Lucro por Ação (LPA), que, para Matarazzo (2010), sua apuração é voltada para o lucro obtido a específicas ações, e a sociedade por ações tem obrigatoriedade de apresentá-la após seu lucro líquido na Demonstração do Resultado.

Assaf Neto (2010) afirma que o índice ilustra benefícios emitidos em cada ação, ou seja, resultado líquido em determinado período.

Seu cálculo é efetuado pela fórmula abaixo:

$$\text{LPA} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Números de ações}}$$

Desta forma, segundo Silva (2010), o índice é disponível para demonstrar a relação da rentabilidade das ações em relação ao seu preço de mercado, amostrando a possível rentabilidade anual do investidor.

Outro indicador de ações é o preço sobre lucro por ação (P/L), que, segundo o autor citado acima, é apurado diante da divisão entre o valor da cotação em certo momento, pelo lucro líquido de cada ação privativa da entidade, conforme a fórmula descrita abaixo:

$$P/L = \frac{\text{Cotação da Ação}}{\text{Lucro Por Ação}}$$

De acordo com Matarazzo (2010), o índice indica o tempo necessário para o investidor adquirir um bom retorno de capital realizado de tal modo aplicado em aquisições de ações, tendo por base o último exercício.

Silva (2010) complementa, dizendo que revela a rentabilidade anual do investidor, demonstrando a rentabilidade das ações em relação ao seu preço de mercado.

Braga (2009) acrescenta que esse indicador mostra em quanto tempo o investidor receberia de volta o dinheiro aplicado na compras das ações.

Também existe o Dividendo por Ação (DPA), que, para Matarazzo (2010), reflete a soma de todos os dividendos pagos por uma sociedade anônima a seus acionistas de uma determinada classe de ações por período de tempo.

Sua fórmula é descrita a seguir:

$$DPA = \frac{\text{Dividendos por ação}}{\text{Números de ações}}$$

Ainda de acordo com o autor citado acima, devido a sua profundidade, é obrigatório constar na demonstração de lucros ou prejuízos acumulados pelas entidades dependentes.

Outro indicador de ações é a Rentabilidade por Ação (RDA), que para Matarazzo (2010), mostra quantos dólares o investidor conseguirá obter anualmente.

$$RDA = \frac{\text{Lucro por ação}}{\text{Valor da cotação da Ação}}$$

Sempre comparando cada R\$ 100,00 investidos na aquisição de ações a preço de mercado. O indicador de Valor Patrimonial por Ação (VPA), segundo Silva (2010), também é chamado de valor nominal da ação.

O valor da RDA pode ser encontrada pela fórmula a seguir:

$$\text{VPA} = \frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Número de Ações}}$$

De acordo com Matarazzo (2010), ele representa a relação entre o Patrimônio Líquido e o número de ações do Capital mostra a representatividade de uma ação perante o seu Patrimônio Líquido.

O indicador de Caixa sobre Rentabilidade da Ação (C/RDA), segundo Silva (2010), mostra percentualmente a quantidade da rentabilidade da ação é convertido em reembolso de caixa para a sociedade. Sua fórmula é a seguinte:

$$\text{C/RDA} = \frac{\text{Índice de retorno de caixa}}{\text{Índice de Rentabilidade da Ação}}$$

No conceito de Matarazzo (2010), outra forma de avaliar as ações é por meio dos índices de ações, que proporcionam uma visão geral de todo o mercado, assim incorporados as principais ações de uma economia, eles são considerados como uma valiosa ferramenta, ajudando na performance e desempenho para gestores e investidores nesse mercado.

Pinheiro (2016) afirma que os índices são números temporais e estudados, sendo considerados como indicadores das variações dos preços e cotações no mercado, sempre utilizados no acompanhamento do comportamento das ações negociadas em momentos específicos.

No entanto, convém destacar-se que, para que um índice possa efetivamente ser utilizado como instrumento de avaliação de desempenho de mercado ou da bolsa, sua composição deve conter uma suposta carteira de ações, representando de forma eficiente o comportamento do mercado. “O acompanhamento do índice é feito em geral por meio de um gráfico simples que registra sua evolução no tempo: um ano, um mês, uma semana ou até mesmo ao longo de um dia.” (PINHEIRO, 2016, p. 254)

Diante dos critérios apresentados na elaboração dos índices, sua classificação é apresentada em duas formas:

Quadro 11 - Classificação dos índices em função do tempo. (Continua)

Classificação	Descrição
Índices curtos	São índices cuja duração é o ano-calendário, utilizando como base seu valor em 31 de

	dezembro do ano anterior.
Índices longos	São índices cuja sua base é fixa em momento, permitindo refletir as variações por um período maior.

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

Quadro 12 - Classificação dos índices em função do objeto.

Classificação	Descrição
Índices de preços	São índices que medem a variação nos preços das ações sem considerar outros rendimentos, como os dividendos e outros proventos.
Índices de rendimentos	São índices que fazem a medição e a variação de preços, considerando os dividendos distribuídos e outros proventos.

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

De acordo com Assaf Neto (2010), os índices de ações brasileiros são:

Quadro 13 - Índices Brasileiros.

Ibovespa	Índice Bovespa
IBrX	Índice Brasil de Ações
ITEL	Índice Setorial de Telecomunicações
IEE	Índice de Energia Elétrica
INDX	Índice do Setor Industrial
IVBX	Índice Valor Bovespa
IGC	Índice de Ações com Governança Corporativa Diferenciada
ITAG	Índice de Ações com Tag Along Diferenciado
MLCX	Índice Mid-Large Cap
SMLL	Índice Small Cap
ICON	Índice de Consumo
IMOB	Índice Imobiliário
ISE	Índice de sustentabilidade Empresarial

Fonte: Adaptado de Assaf Neto (2010).

De acordo com Assaf Neto (2010), dentre eles os mais utilizados são o Índice Bovespa – Ibovesp, IBrx e o IVBX-2. O índice da bolsa de valores é o mais importante como indicador no desempenho das cotações, foi criado em 1968 a partir de uma carteira de ações, com objetivo de refletir o desempenho dos negócios ocorridos na bolsa de valores. O Ibovespa é apurado em tempo real, sendo determinado pela quantidade de cada ação que compõe sua carteira. Assaf Neto (2010, p. 194).

Desta forma Pinheiro (2016), afirma como sua finalidade de servir como indicador médio do comportamento do mercado acionário, aproximando ao Máximo das negociações a vista da Bovespa, cerca de 80% do valor total negociado em seu período.

IBrX é um índice com a composição de 100 ações em sua carteira, assim existindo também o IBrX-50 muito semelhante concentrando as 100 ou as 50 mais liquidadas a vista. O IVBX-2 foi elaborado pela Bovespa e pelo jornal Valor Econômico, seu objetivo é medir o retorno de uma carteira de ações composta por 50 papéis (ações), a partir de 11ª posição, assim não atribuindo as dez ações mais altas e as mais negociadas.

2.5 Análise Gráfica

Análise gráfica, também chamada de análise técnica são projeções do comportamento de preços de ações, partindo das cotações passadas chegando a conclusões sobre compra e venda destes títulos. Elas são baseadas em gráficos construídos inicialmente da alteração das cotações passadas, analisando um sinal para projeções futuras. (ADVANCED FINANCIAL NETWORK, 23 agosto 2018).

Conforme Pinheiro (2016), com um conceito de estudo dos movimentos passados de preços e negociações de ativos financeiros, objetivando comportamentos futuros dos preços. Assim, neste tipo de análise é plausível identificar vertentes do mercado, seja ela de alta ou de baixa, deste modo permite-se posicionar na compra ou na venda.

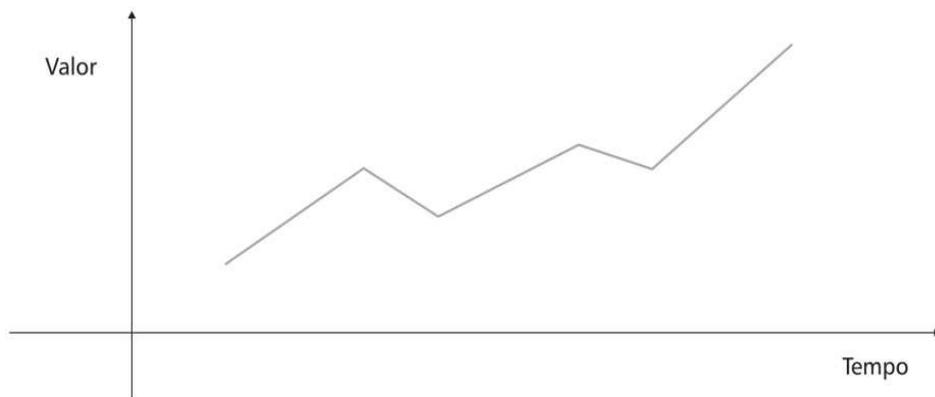
De acordo com dados publicados pelo Bradesco, essa movimentação, apresentada através de um gráfico, tem o objetivo de averiguar o desempenho da “Lei da oferta e da procura”, a partir de onde conseguimos rastrear tendências de um ativo. (Apostila de análise gráfica Bradesco Corretora)

Apesar de ser uma ferramenta muito conhecida, é pouco utilizada, sendo introduzida na década de 70 com principal objetivo até os dias de hoje que são a identificação de tendências e pontos de reversão.

Diante aos tipos de gráficos, Pinheiro (2016) informa que em previsões futuras os mais utilizados são o gráfico de linha, o gráfico de volume, de barras, gráfico de ponto-figura e o gráfico de *candlesticks*. Essas ferramentas complementam os nossos estudos, ajudando a descobrir em quais ativos devemos nos posicionar e também o momento exato para a montagem de uma operação e à hora certa de desfazê-la.

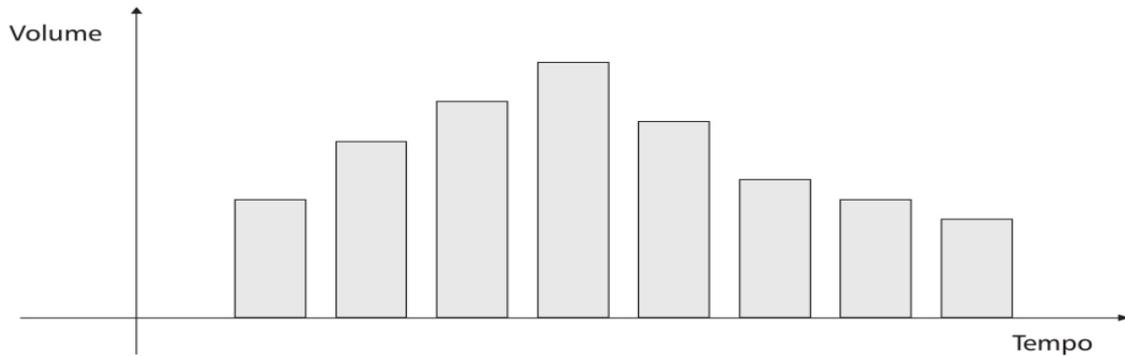
Uma das formas de analisar por meio do gráfico de linha, que, segundo Pinheiro (2016), o gráfico de linha consiste uma representação das cotações por linhas retas, registrando a evolução de uma ação em seu período analisado. Para sua construção baseia-se os preços ou cotações no eixo vertical e o tempo no eixo horizontal, marcando a evolução dos preços, marcando suas oscilações.

Figura 3 - Gráfico de Linha.



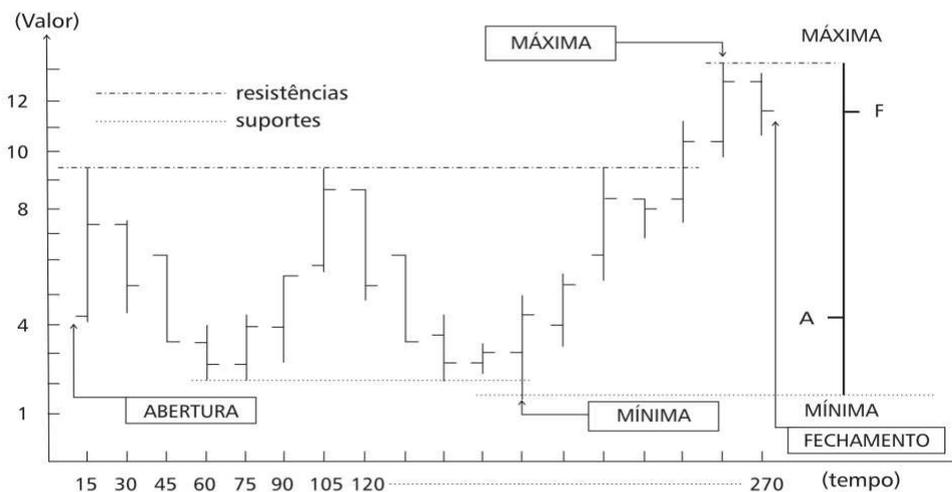
Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

Pode-se fazer utilizar também o gráfico por volumes, que, de acordo com Pinheiro (2016), baseia-se na utilização de dois eixos, assim sendo o vertical representando os volumes de negociação, e o horizontal, o tempo. Portanto, contém um histograma em que cada sessão se traça uma coluna diante de seus resultados.

Figura 4 - Gráfico de Volume.

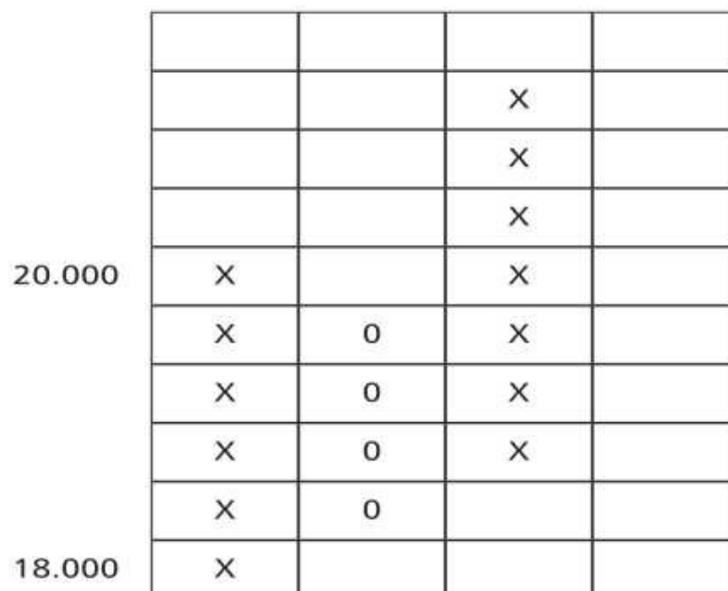
Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

Outra forma de realizar a análise gráfica é por meio da utilização o gráfico de barras, que segundo Pinheiro (2016), registra as cotações para cada período de tempo, formada por uma linha vertical, ligando dois pontos da cotação máxima e mínima. O princípio é representado por um traço horizontal à esquerda e o fim é representado por um traço à direita, assim cada barra é um período conseguindo observar a quantidade negociada diariamente na bolsa.

Figura 5 - Gráfico de Barras.

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016)

Outro tipo de gráfico realizado é o ponto-figura, que, para Pinheiro (2016), é um instrumento criado para direcionar as decisões de compra e venda, por determinada ação em um pregão de bolsa de valores. Ele só ocorre alterações em função do preço, assim pode ser considerado um gráfico imutável, que reflete oscilação no mercado. Sua construção é baseada em X e 0, o “X” retrata uma alta e o 0 uma baixa.

Figura 6 - Gráfico Ponto-figura

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

Outro tipo gráfico é o *Candlesticks*, que representa a forma de representação gráfica da variação dos preços dos ativos negociados em bolsas de valores, representando uma técnica e operação formando padrões que podem significar possíveis reversões e continuação de movimentos dos preços. (ADVANCED FINANCIAL NETWORK, 26 agosto 2018).

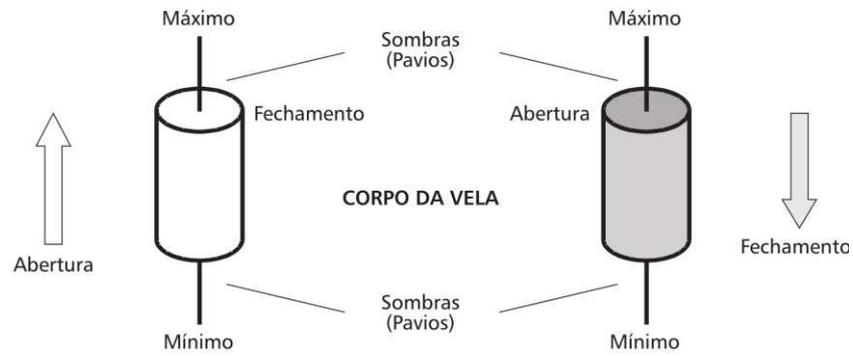
O Gráfico utiliza das seguintes características:

Quadro 14 - Características do Gráfico *Candlesticks*.

Cada período é representado por uma “vela”, mostrado sua abertura e seu fechamento.
A cada final de um pregão o preço de abertura acaba se fechando acima de seu valor inicial o corpo da vela será transparente, logo o preço de fechamento estiver abaixo do preço da abertura, o corpo da vela será escuro.
As linhas finas que saem da vela são chamadas de sombras, correspondendo ao pavio da vela, representam o preço máximo e o mínimo que uma ação alcançou.
Vela longa e transparente indica que os compradores são os que tiveram maior participação, entretanto se ela se apresenta longa e escura, significa que os vendedores que tiveram maior participação.

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

Figura 7 - Gráfico *Candlesticks*.



Fonte: Adaptado de Pinheiro (2016).

De acordo com Pinheiro (2016), seu nome traduzido para o português significa “velas”, semelhante às figuras produzidas.

3 METODOLOGIA

Esta seção apresenta a metodologia, ou seja, o caminho seguido para realização do Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como propósito demonstrar a importância da utilização de instrumentos contábeis para o alcance de um investimento rentável na Bolsa de Valores, através de um estudo de caso em uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais.

3.1 Sob o ponto de vista da abordagem

Sob a forma de abordagem do problema, caracteriza-se como pesquisa quantitativa e qualitativa.

A pesquisa quantitativa, para Richardson (1999, p. 70), possui “a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando, consequentemente, uma margem de segurança quanto às inferências”.

Já a pesquisa qualitativa, segundo Roesch (1999), permite ao pesquisador desenvolver os componentes analíticos e categóricos da explicação, a partir dos dados e não de técnicas estruturadas e altamente quantificadas.

Este presente estudo, quanto à pesquisa quantitativa, foi evidenciada na utilização de dados numéricos, com a realização do cálculo dos indicadores por meio de planilhas do Microsoft Excel para posterior análise dos resultados. A pesquisa qualitativa foi evidenciada na realização da análise dos resultados obtidos pelo pesquisador, considerando seu conhecimento sobre o assunto e não apenas baseado em técnicas totalmente estruturadas.

3.2 Sob o ponto de vista dos objetivos

Quanto ao ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa foi caracterizada como exploratória e descritiva.

A pesquisa exploratória, conforme Bertucci (2011) é aquela que trata determinados problemas com determinação de desvendá-las, estabelecendo relações entre o tema, forma inovadora e criativa, alcançando encaminhamentos, problemas de pesquisa, ponto de partida, indagação que servirão a pesquisas futuras sobre o tema. Seu planejamento é bastante flexível com considerações dos mais variados aspectos.

A pesquisa descritiva, segundo Gil (2010), tem como objetivo a descrição da característica com intuito de elaborar provimentos identificando possíveis relações entre variáveis, assim classificadas como descritiva as pesquisas que são realizadas com objetivos profissionais, algumas vão além da simples identificação dessas variáveis, assim aproximando da pesquisa exploratória.

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratório, porque, para a realização deste Trabalho de Conclusão do Curso, o pesquisador buscou aprimorar seus conhecimentos sobre o assunto, por meio de pesquisa documental e bibliográfica.

Caracteriza-se como pesquisa descritiva, ao realizar o estudo na unidade de análise, onde a mesma é qualificada e seus documentos contábeis são analisados.

3.3 Sob o ponto dos procedimentos técnicos

Sob o ponto de vista dos procedimentos técnicos, é uma pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e um estudo de caso.

De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é fundamental para o trabalho de pesquisa usando como base matérias já publicado, livros, revistas, jornais, teses, dissertações e eventos científicos. Todavia a pesquisa bibliográfica para a desenvoltura atinge uma alta gama de autores, possibilitando a comparação e o poder de descobrir possíveis incoerências ou contradições de inúmeras fontes. Neste trabalho, o pesquisador buscou referências de autores como: Pinheiro (2016), Matarazzo (2010), Braga (2009), para aprimorar seu conhecimento sobre o tema abordado.

Conforme Bertucci (2011), a pesquisa documental é efetuada na tentativa de desvendar problemas, adquirindo conhecimentos em que tais informações são referenciadas a análise e interpretação de documentos existentes, sendo eles livros, artigos científicos, documentos internos, arquivos públicos e particulares, englobando todos os materiais escritos, assim equivalendo como uma pesquisa utilizada em economia e ciências políticas.

Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, foram usados demonstrativos contábeis da empresa analisada. Os demonstrativos utilizados foram o Balanço Patrimonial (BP) e Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), que foram obtidos através de site públicos e do site da BM&FBOVESPA devido a empresa ser de Capital Aberto. A íntegra desses documentos encontra-se no final desta pesquisa, nos Anexos.

Por fim, Bertucci (2011, p. 52), afirma o estudo de caso ocorre “quando se identifica um problema específico relativo a uma organização e esse problema é analisado em

profundidade, a técnica utilizada é o estudo de caso (descritivo e analítico) e, não, o método de caso (descritivo).”

Nesta pesquisa, o Trabalho de Conclusão de Curso corresponde a uma empresa do segmento de indústria, trabalhando com cana-de-açúcar, situada no Centro-Oeste mineiro.

3.4 Unidade de análise

A unidade utilizada parte do segmento de indústria, cujo material primordial é a cana-de-açúcar. Atualmente possui 10 unidades de agroindústrias em operação situadas nos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Norte e um terminal próprio no porto de Santos.

Sua origem começou em 2000, adquirindo a usina em Leme - SP, e inicia seu processo de expansão no setor suco energético no Brasil, passando para Lagoa da Prata – MG em 2001, Jaboticabal – SP em 2004, sem parar, até que em 2009 houve uma fusão entre usinas.

Com o passar dos anos, a companhia elevou sua capacidade anual de processamento de 900 mil toneladas para 34,6 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, comercializando seus produtos em mais de 30 países da América do Norte, Europa, África, Ásia, Oriente Médio e Oceania e também a exportação de 1.346 GWh de energia elétrica, empregando mais de 14 mil colaboradores.

A indústria abriu seu capital em 2013, e desde então suas ações são negociadas no segmento da BM&FBOVESPA.

Para preservar o anonimato da empresa em estudo de caso e para fins de análise, está denominada de empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais.

3.5 Instrumentos de coleta de dados

Os dados primários, que são os demonstrativos contábeis utilizados para análise, com ênfase para o Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado, foram obtidos para a pesquisa referentes aos anos de 2016 e 2017, através do site da empresa e do site da BM&FBOVESPA.

Os dados secundários, através de pesquisa bibliográfica, foram obtidos de fevereiro a outubro de 2018 pelo pesquisador, para buscar conceitos sobre o tema abordado de autores renomados para atingir os objetivos propostos pela pesquisa.

3.6 Técnica de Análise

Para Marconi *et al* (2011), as técnicas de análise permitem analisar conteúdos de livros, revistas, jornais, etc. Interpretando os dados coletados a fim de simular uma tomada de decisão sobre investimentos em empresas, foi aplicado todos os conhecimentos obtidos durante o período de formação acadêmica, sobretudo no que diz respeito à Análise Gráfica, Análise Fundamentalista, Indicadores de Ações e a Triangulação de Dados, que para Gil (2010), são basicamente o confronto entre as informações coletadas em relação as outras, tonificando o resultado da pesquisa.

As técnicas e cálculos desenvolvidos perante a análise vertical, horizontal e os indicadores utilizados após a coleta de dados, renderam resultados reais, assim podendo utilizar das mesmas para observar acontecimentos passados e planejar acontecimentos futuros.

3.7 Síntese do Referencial Teórico

Diante do Referencial Teórico conseguimos obter importantes informações apresentadas no mesmo, esboçando o que realmente é o Mercado de Capitais, demonstrando o que são negociadas em sua variedade de operações dentre debêntures, ações e outras.

Sem perder o foco desse imenso mercado foi escrito a base onde o trabalho se sustentara, assim firmando que para conseguir um rentável investimento e fundamental desenvolver as demonstrações contábeis, as análises fundamentalistas, gráficas e fazer a comparabilidade dos indicadores, atingindo como objetivo principal obter dados que comprovem a questão problema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção, será apresentada a análise fundamentalista da empresa situada no Centro-Oeste de Minas Gerais, realizando a análise horizontal e vertical. Após aplicação dessas técnicas de análise, destacando sua variação de um ano para outro em contas das demonstrações financeiras, será evidenciado as análises dos indicadores de liquidez, rentabilidade e endividamento. Em seguida, será demonstrada a análise dos indicadores de ações e sua evolução em forma gráfica, a fim de responder à questão problema da pesquisa. A análise será subdividida nos seguintes tópicos:

- (4.1) Análise fundamentalista da empresa situada no Centro-Oeste de Minas Gerais.
- (4.2) Análise de Indicadores de Ações.
- (4.3) Análise Gráfica.
- (4.4) Síntese dos Resultados e Discussão.

4.1 Análise Fundamentalista da empresa situada no Centro-Oeste de Minas Gerais

A seguir, será apresentada a análise horizontal e vertical do Ativo Circulante da empresa situada no Centro-Oeste de Minas Gerais, conforme demonstrado na **Tabela 1**. As análises foram divididas por grupos de contas para facilitar a compreensão por parte do leitor. Caso tenham interesse, podem ter acesso aos demonstrativos na íntegra nos anexos desta pesquisa.

Tabela 1 – Análise Horizontal e Vertical do Ativo Circulante. (Continua)

(Valores em reais)		2017		2016	
CIRCULANTE	AV%		AV%		AH%
Ativo Total	100%	8.635.436	100%	9.293.290	-7,08%
Caixa e equivalentes de caixa	1,97%	170.019	2,81%	260.939	-34,84%
Aplicações financeiras	2,50%	215.535	2,60%	241.193	-10,64%
Instrumentos financeiros derivativos	0,44%	37.687	0,72%	67.059	-43,80%
Contas a receber	3,88%	335.012	2,76%	256.309	30,71%

Estoques	9,59%	827.980	12,18%	1.131.511	-26,83%
Ativo biológico	10,91%	941.844	11,72%	1.089.462	-13,55%
Impostos a recuperar	3,94%	339.847	1,97%	183.004	85,70%
Outros créditos	0,91%	78.457	1,11%	102.767	-23,66%
Ativos mantidos para venda	0,04%	3.506	0,04%	3.506	0,00%
Total do Ativo Circulante	34,16%	2.949.887	35,89%	3.335.750	-11,57%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Referindo ao Ativo circulante do balanço patrimonial, o que pode ser visualizado na **Tabela 1**, pode-se destacar a grande regressão da maioria das contas, as mais chamativas no quesito de quitação de dívida, que giram em torno do disponível, com uma variação negativa entre Caixa e Equivalente de caixa e as Aplicações Financeiras de -34,84% e -10,64% respectivamente. A alternância das porcentagens do Disponível pode atrapalhar a empresa futuramente, principalmente nas quitadas de dívida a curto prazo e assim diminuir a quantidade de interessados pela empresa.

Ainda podemos ressaltar, tanto no exercício de 2016 quanto no de 2017, as Contas a receber e os Impostos a recuperar. As contas mantiveram um percentual positivo em torno de 30,71% e 85,70%, destacando uma evolução de um ano para o outro, fazendo parte do Ativo Total de 2017 em 3,88% e 3,94%.

A seguir, dando continuidade na análise horizontal e vertical, segue a análise do grupo do Ativo não Circulante da empresa.

Tabela 2 - Análise Horizontal e Vertical do Ativo Não Circulante. (Continua)

(Valores em reais)	2017		2016		AH%
	AV%	R\$	AV%	R\$	
NÃO CIRCULANTE					
Realizável a longo prazo					
Aplicações financeiras	0,25%	21.920	0,20%	18.705	17,19%
Adiantamentos a fornecedores	0,22%	18.830	0,33%	30.474	-38,21%
Depósitos judiciais	4,00%	345.439	3,07%	285.113	21,16%
Impostos a recuperar	1,02%	87.858	2,82%	262.033	-66,47%
Imposto de renda e contribuição social diferidos	0,72%	62.125	0,08%	7.044	781,96%

Outros créditos	0,13%	11.648	0,20%	18.525	-37,12%
Investimentos	2,14%	185.215	2,20%	204.644	-9,49%
Ativo imobilizado	46,63%	4.026.446	45,20%	4.200.224	-4,14%
Intangível	10,72%	926.068	10,02%	930.778	-0,51%
Total do ativo não circulante	65,84%	5.685.549	64,11%	5.957.540	-4,57%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Com base na **Tabela 2**, é expressivo o percentual indicativo do Ativo Não Circulante, que em ambos os períodos analisados respondem em média por cerca de 65% do ativo total. Entretanto, os percentuais das contas não foram grandes coisas, houve queda em seus três Ativos principais, são eles: Investimentos, Imobilizado e o Intangível. A regressão é visível e sentida pela empresa, as porcentagens dos valores para o Ativo de investimentos caíram em -9,49%, o imobilizado -4,14% e o intangível -0,51%.

São percentuais baixos, mas mesmo assim, não deixa de diminuir seu Ativo Total, sendo que o somatório do decréscimo do ano de 2016 para 2017 equivale à R\$197.917,00.

Continuando a análise do Balanço Patrimonial, temos as análises do Passivo Circulante.

Tabela 3 - Análise Horizontal e Vertical do Passivo Circulante.

(Valores em reais)	2017		2016		
CIRCULANTE	AV%	R\$	AV%	R\$	AH%
Total do Passivo e PL	100,00%	8.635.436	100%	9.293.290	-7,08%
Empréstimos e financiamentos	24,29%	2.097.934	25,33%	2.354.234	-10,89%
Adiantamentos de clientes no País	0,27%	23.379	0,18%	16.588	40,94%
Adiantamentos de clientes no exterior	4,28%	369.528	3,53%	328.158	12,61%
Fornecedores	11,43%	987.235	9,75%	906.182	8,94%
Provisões e encargos sobre a folha de pagamento	1,35%	116.623	1,48%	137.165	-14,98%
Impostos e contribuições a recolher	1,11%	95.514	0,36%	33.182	187,85%
Instrumentos financeiros derivativos	0,48%	41.635	2,16%	201.000	-79,29%
Outras obrigações	2,36%	203.806	1,25%	115.911	75,83%
Total do passivo Circulante	45,58%	3.935.654	44,04%	4.092.420	-3,83%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Dando continuidade à análise do BP, agora do seu lado direito, temos o PC, onde é notório o grande acréscimo de obrigações em curto prazo. A conta de Empréstimos e Financiamentos obteve uma regressão em -10,89%, não tanto relevante devido ao seu alto valor, representando quase 25% do total do Passivo e PL em 2017. Por outro lado, temos a conta Outras Obrigações, uma rubrica, obtendo nela as demais obrigações da empresa a curto prazo, comparando o ano de 2016 ao de 2017, a percentagem destacada é exatamente a 75,83%.

Tabela 4 - Análise Horizontal e Vertical do Passivo Não Circulante.

Passivo (em reais)		2017		2016	
NÃO CIRCULANTE	AV%	R\$	AV%	R\$	AH%
Empréstimos e financiamentos	38,85%	3.355.261	38,23%	3.552.494	-5,55%
Adiantamentos de clientes no exterior	27,55%	2.379.130	17,17%	1.595.713	49,10%
Fornecedores	0,02%	1.310	0,05%	4.667	-71,93%
Imposto de renda e contribuição social diferidos	0,48%	41.358	1,06%	98.677	-58,09%
Instrumentos financeiros derivativos	0,14%	12.018	0,22%	20.828	-42,30%
Provisões tributárias, trabalhistas, cíveis e ambientais	3,53%	305.145	3,39%	314.992	-3,13%
Outras obrigações	0,55%	47.355,00	0,65%	60.248,00	-21,40%
Provisão para perda em investimentos		-		-	-
Total do passivo não circulante	71,12%	6.141.577,00	60,77%	5.647.619,00	8,75%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Ainda do passivo, vale ressaltar o Exigível a longo prazo, podendo observar a grande melhora nessa parte do Balanço Patrimonial. As devidas contas houve um grande regresso, um ponto positivo para a empresa, a mais chamativa foi a conta de Fornecedores, diminuindo em -71,93% e a conta Empréstimos e Financiamentos, que também diminuiu e o índice de Análise Horizontal foi de -5,5%, além de sua diminuição a conta do realizável a longo prazo é a com maior percentual do total do Passivo e Patrimônio Líquido com justamente 38,85% no ano de 2017.

Entre todas as rubricas o único aumento das obrigações do exigível ao longo prazo foi a conta Adiantamentos de Clientes no Exterior, constatando um aumento de R\$784.417,00 ou 49,10% da demanda de produtos a serem entregues a longo prazo.

Tabela 5 - Análise Horizontal e Vertical do Patrimônio Líquido.

PATRIMÔNIO LÍQUIDO	2017		2016		AH%
	AV%	R\$	AV%	R\$	
Capital social	30,32%	2.618.214	28,17%	2.618.214	0,00%
Reserva de capital	15,75%	1.360.072	14,59%	1.355.616	0,33%
Prejuízos acumulados	-57,57%	-4.971.760	-41,27%	-3.835.366	29,63%
Outros resultados abrangentes	-5,33%	-460.181	-6,47%	-601.691	-23,52%
Total do patrimônio líquido dos acionistas controladores	-16,83%	-1.453.655	-4,98%	-463.227	213,81%
Participação dos acionistas não controladores	0,14%	11.860	0,18%	16.478	-28,03%
Total do patrimônio líquido	-16,70%	-1.441.795	-4,81%	-446.749	222,73%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

No Patrimônio Líquido, é observada uma alteração na Reserva de Capital em 0,33% e um elevado aumento na conta Prejuízos Acumulados, totalizando 29,63%, resultando em um acréscimo de R\$1.136.394,00 do ano de 2016 para 2017. Ainda falando da mesma conta, podemos citar pela análise vertical a percentagem de -57,57% que decresceu o total do Passivo e do Patrimônio Líquido.

Devido ao aumento da conta Prejuízos Acumulados, a conta Participação dos Acionistas não Controladores, decaíram, passando de R\$16.478,00 para R\$11.860,00, em porcentagem a variação equivale em -28,03%.

Com base na **Tabela 6**, apresentada na próxima página, com referência à Demonstração de Resultado do Exercício, a atenção se volta tanto no exercício de 2016 quanto no de 2017, o alto Custo dos Produtos Vendidos e dos Serviços Prestados. Esta conta para os dois exercícios representa uma média em cerca de 88% das receitas da empresa, com uma queda de -2,35% de um ano para o outro.

Tabela 6 - Análise Horizontal e Vertical da Demonstração do resultado parte I.

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO					
		2017		2016	
	AV%	R\$	AV%	R\$	AH%
RECEITA LÍQUIDA	100,00%	5.147.716	100,00%	5.452.756	-5,59%
Custo dos produtos vendidos e dos serviços prestados	-89,31%	-4.597.261	-86,34%	-4.708.058	-2,35%
LUCRO BRUTO	10,69%	550.455	13,66%	744.698	-26,08%
Gerais, administrativas e de vendas	-9,87%	-508.051	-9,13%	-497.915	2,04%
Resultado de equivalência patrimonial	-0,07%	-3.394	-0,09%	-5.011	-32,27%
Outras receitas operacionais	0,86%	44.435	1,56%	85.105	-47,79%
Outras despesas operacionais	-4,46%	-229.844	-0,92%	-49.981	359,86%
RECEITAS (DESPESAS) OPERACIONAIS	-13,54%	-696.854	-8,58%	-467.802	48,96%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Convém destacar também o aumento das Outras Despesas Operacionais que aumentaram em mais de 350%, passando de R\$ 49.981,00 em 2016 para R\$ 229.844,00 no ano seguinte.

Podemos colocar também como comparação, a diminuição da Receita Líquida em R\$305.040,00 representando uma percentagem de 5,59% e respectivamente o aumento das despesas em R\$229.052,00 com um aumento de 48,96% de um ano para o outro.

Tabela 7 – Análise Horizontal e Vertical da Demonstração do resultado parte II. (Continua)

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO					
		2017		2016	
	AV%	R\$	AV%	R\$	AH%
LUCRO (PREJUÍZO) OPERACIONAL ANTES DO RESULTADO FINANCEIRO	-2,84%	-146.399	5,08%	276.896	-152,87%
Receitas financeiras	0,82%	42.088	1,18%	64.614	-34,86%
Despesas financeiras	-13,07%	-673.037	-9,93%	-541.395	24,32%
Derivativos	-0,07%	-3.843	-3,11%	-169.737	-97,74%

Variação Cambial	-4,73%	-243.469	4,96%	270.433	-190,03%
RESULTADO ANTES DA TRIBUTAÇÃO	-19,91%	-1.024.660	-1,82%	-99.189	933,04%
IMPOSTO DE RENDA E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL	3,91%	201.519	-3,44%	-187.813	-207,30%
RESULTADO DO PERÍODO	-15,99%	-823.141	-5,26%	-287.002	186,81%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Por fim, olhando para o Resultado do Período, percebe-se o acentuado prejuízo de um ano para o outro, onde o aumento pode ser comparado em quase três vezes do resultado de 2016, passando de R\$-287.002,00 para R\$-823.141,00 em 2017, uma percentagem de 186,81%.

De acordo com o trabalho em si, além das análises verticais e horizontais também será trabalhado os indicadores de Liquidez, Rentabilidade, Endividamento e os indicadores de ações. Ribeiro (2014, p.154) afirma que este processo é o mais utilizado por Analistas de Balanços, oferecendo uma visão global e econômica das situações que a empresa.

Para Ferrari (2012, p.61) “Os quocientes (ou índices) de liquidez têm por fim medir a capacidade da empresa pagar suas dívidas a curto e/ou longo prazos, utilizando os recursos aplicados no ativo.”

Tabela 8 - Cálculos dos Indicadores de Liquidez.

Indicadores	2017	2016
Liquidez Seca = (AC – Estoques) / PC	0,54	0,54
Liquidez Corrente = AC/PC	0,75	0,82
Liquidez Imediata = Disponível / PC	0,10	0,12
Liquidez Geral = (Ativo Circulante + Realizável em Longo Prazo) / (Passivo Circulante + Exigível em Longo Prazo)	0,86	0,95

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Esboçando o Índice liquidez Seca, seus índices nos dois anos foram praticamente iguais. Seu resultado revela a capacidade financeira líquida da empresa com suas dívidas de curto prazo sem contar com seu Estoque.

Podemos observar com seu resultado, que a empresa manteve seu índice em torno de 0,54. Esse valor representa que para cada R\$1,00 de dívida de curto prazo, a empresa possui

R\$0,54 de bens e direitos de curto prazo, não possuindo assim, capacidade de pagamento sem contar com o somatório de estoque.

O Índice de Liquidez Corrente é voltado à medição de quitação de dívidas em curto prazo, utilizando recursos do Ativo Circulante Total. Olhando os resultados, percebemos uma regressão entre o ano de 2016, obtendo o resultado de 0,75. Comparando a cada R\$1,00 de dívida de curto prazo, a empresa dispõe apenas R\$0,75 para cumprir suas obrigações, assim anunciamos uma medida desfavorável para dívidas em curto prazo, em relação ao Ativo Circulante total e seu Passivo Circulante total.

O quociente de Liquidez Imediata revela a quantidade que a empresa está utilizando de dinheiro em caixa, nos Bancos e em Aplicações financeiras, para cumprir imediatamente suas dívidas. Caso a empresa optasse em quitar suas dívidas em curto prazo imediatamente no final de 2017, apenas tirando dinheiro de seus Disponíveis, faltaria R\$0,90 para cada R\$1,00 das suas obrigações em curto prazo, sendo este resultado um grande déficit.

O Índice de Liquidez Geral evidencia se os recursos aplicados nas contas do Ativo Total são suficientes para cobrir todas as Obrigações. Diante do resultado em 2017, para cada R\$1,00 de capitais de terceiros, a empresa dispõe de R\$0,86 de seus recursos totais aplicados no ativo.

O índice é menor que R\$1,00 em R\$0,14, significando uma situação de Passivo a Descoberto, especificando uma insolvência e nos dizendo que a empresa se encontra nas mãos de terceiros, não apresentando capacidade de pagamento.

Para Ribeiro (2014, p.171), indicadores de rentabilidade são quocientes que auxiliam na medição da capacidade econômica da empresa, envolvendo os retornos de capitais através de lucros ou receitas.

Tabela 9 - Cálculos dos Indicadores de Rentabilidade do Ativo.

	2017	2016
Giro do Ativo = Vendas Líquidas / Ativo Total	0,60	0,59
Margem Líquida = Lucro Líquido / Vendas líquidas	-0,16	-0,05
Rentabilidade do Ativo = Lucro Líquido / Ativo Total	-0,10	-0,03
Total		
Rentabilidade do Patrimônio Líquido (ROE) = Lucro Líquido / Patrimônio Líquido	0,57	0,64

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

O resultado do Giro do Ativo serve para identificar se o volume de receitas de vendas foi adequado, comparado pelo capital investido na empresa. Como percebemos a variação do índice de um ano para o outro foi mínima, mas o significado é muito relevante, se multiplicarmos por 100, encontra-se 60%, significando que 60% do valor do Ativo Total, representa o faturamento anual da empresa.

O Índice de Margem Líquida revela a margem de lucratividade em função de seu faturamento. Como resultado apresentando na **Tabela 9**, observa-se que o resultado continua negativo e aumentando.

O valor calculado refere-se a quanto a empresa obteve de lucro líquido/prejuízo, para cada R\$1,00 das Vendas Líquidas, podemos afirmar que o prejuízo foi de R\$0,16 para cada R\$1,00 do Lucro Líquido.

A análise do quociente de Rentabilidade do Ativo, evidencia o poder de geração de lucros por parte da empresa, direcionada para verificar o tempo necessário para os retornos de Capitais. Do ano de 2016 para 2017, o índice diminui em R\$-0,07, demonstrando que para cada R\$1,00 de Investimentos totais foram obtidos R\$-0,10 de prejuízo.

A Rentabilidade do Patrimônio Líquido revela qual foi a taxa obtida pelo Capital Próprio investido na empresa. Para cada R\$1,00 de Capital Próprio investido a empresa, obteve de lucro líquido apenas R\$0,57. De acordo com os outros índices de rentabilidade, o resultado deste é um pouco melhor, mas ainda continua abaixo de 1,00, deixando a desejar.

Os quocientes de endividamento, também chamados de estrutura de capitais, tem por objetivo avaliar o grau de dependência da empresa em relação aos capitais de terceiros, podendo assim revelar a política de obtenção de recursos da empresa. Ferrari (2012, p. 73)

Tabela 10 - Cálculos dos Indicadores de Endividamento.

Indicadores	2017	2016
Participação de Capitais de Terceiros (PCT) = Passivo Circulante + Exigível LP. / Patrimônio Líquido	-6,99	-21,80
Composição de Endividamento (CE) = Passivo Circulante / (Passivo Circulante + Exigível LP.)	0,39	0,42
Imobilização do Patrimônio Líquido = (Ativo Investimentos + Ativo Imobilizado + Ativo Intangível) / Patrimônio Líquido	-3,56	-11,94

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Com o indicador de Participação de Capitais de Terceiros novamente negativo como os demais, devido ao seu Patrimônio Líquido correspondente dos Prejuízos acumulado aumentando ano após ano, o quociente de R\$-6,99 encontrado, indica o valor que a empresa está devendo para cada R\$1,00 de Capital Próprio.

A composição do endividamento revela a proporção existente entre as obrigações de Curto Prazo e as Obrigações totais. O índice de 0,39 indica que para cada R\$1,00 de dívida, existem apenas 0,39 de obrigações vencíveis a curto prazo, ou seja, a organização terá de repor apenas 39% de Capitais tomados de Terceiros.

O quociente de Imobilização do Patrimônio Líquido refere ao quando de Patrimônio Líquido foi imobilizado. Podemos observar pelo resultado dos índices que a empresa não imobilizou nada, pelo contrário, seu Ativo fixo está diminuindo, ano a ano. De 2016 para 2017 houve um pequeno acréscimo, mas continua com um quociente negativo em -3,56.

4.2 Indicadores de Ações

Para Izidoro (2015, p.120), um dos importantes objetivos é evitar uma compra de ações a um preço superior ao seu valor justo, assim tornando uma má compra.

Tabela 11 - Cálculos dos Indicadores de Ações.

	2017	2016
LPA = Lucro Líquido / Números de ações	-3,84	-1,35
P/L = Cotação da Ação / Lucro Por Ação	-1,17	-5,52
DPA = Dividendos por ação / Números de ações	-	-
RDA = Lucro por ação / Valor da cotação da Ação	-0,85	-0,18
VPA = Patrimônio Líquido / Numero de Ações	-6,73	-2,10
C/ROA = Índice de retorno de caixa / Índice de Rentabilidade da Ação	0,08	0,17

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

O LPA (Lucro por Ação), é um indicador fundamentalista importante no mercado de capitais, indicando se a empresa é ou não lucrativa. Devido ao seu resultado em 2017 com valor em -3,84 e comparando ao ano de 2016, observamos que a empresa está operando com margens baixas, logo, acumulando prejuízos.

Para Pinheiro “o P/L não é outra coisa que o inverso da rentabilidade de uma empresa para seus acionistas (medida como lucro líquido entre o valor de mercado da empresa).” Neste índice o resultado foi negativo em -1,17, devido a resultado do LPA. Tal fato se justifica ao se verificar a Demonstração do Exercício, onde se percebe aumento de um ano para o outro em suas Despesas e em seu Prejuízo.

Os Dividendos por ação é um índice que indica a distribuição de lucros de algumas empresas aos acionistas. Devido à insuficiência de lucros, o quociente não foi calculado, pois os dividendos somente podem ser pagos quando a empresa apresentar lucros em seu exercício.

A Rentabilidade de Ação (RDA) é proveniente da divisão entre o lucro por ação pelo valor da cotação, assim mostrando o quanto é rentável determinada ação. Se multiplicarmos os resultados por 100, teremos -85% em 2017 e -18% em 2016. Percebemos de um ano para o outro uma queda de -67%, não trazendo nenhuma Rentabilidade possível.

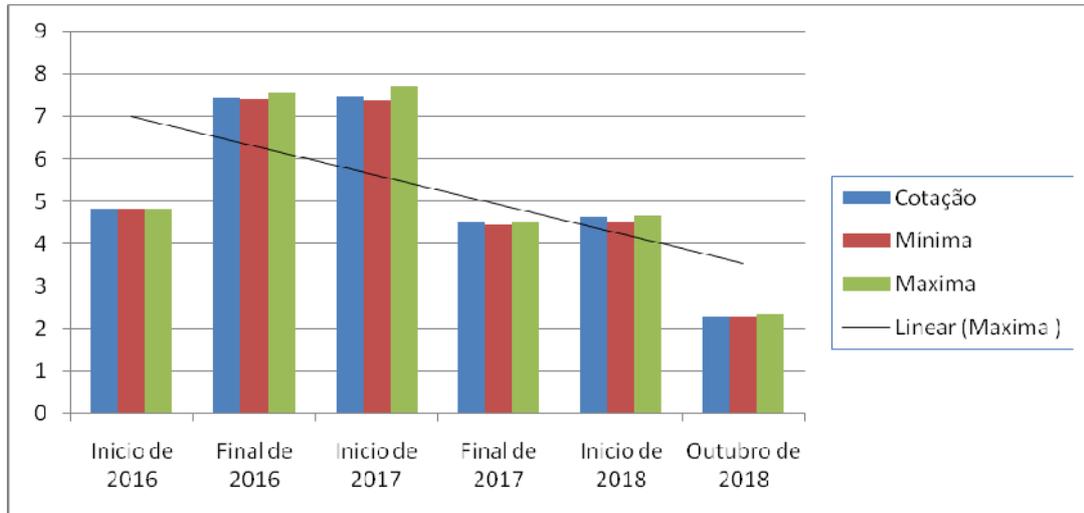
O Valor patrimonial por ação (VPA) revela o valor do investimento, se está crescendo ou não, ou quanto de capital próprio existe para cada ação. Em 2016, faltava R\$-2,10 de capital próprio por ação, devido ao aumento do Prejuízo acumulado esse valor caiu para R\$-6,73, uma variação 220%.

O Caixa sobre Rentabilidade da Ação (C/RDA) trata-se de um percentual que significa a quantidade convertida de reembolso de caixa. Se multiplicarmos por 100 em 2017 o índice nos afirmar que apenas 8% da rentabilidade da ação são convertidas para reembolso da empresa, em quanto em 2016 era 17%.

4.3 Análise Gráfica

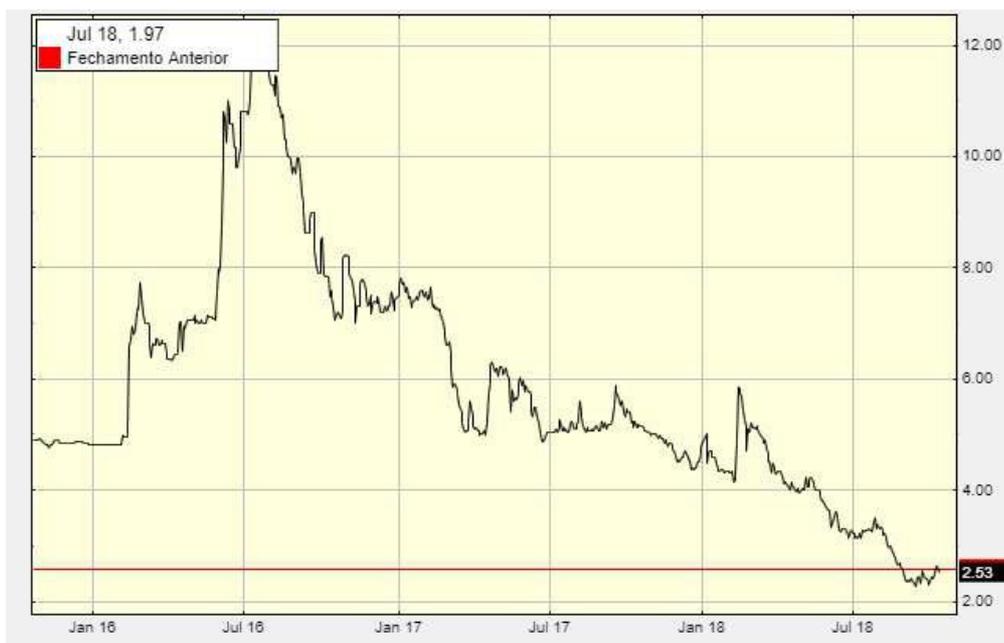
A análise gráfica é uma medida usada nas tomadas de decisões para pequenos e grandes investidores, completando as análises vertical, horizontal e seus indicadores, o trabalho foi desenvolvido juntamente com gráficos comparativos de cotações entre o ano de 2016 há 2018, assim obtendo uma triangulação de dados.

A **Figura 8**, apresentada seguir, apresenta as oscilações dos preços das ações trabalhadas.

Figura 8 – Oscilações dos Preços das Ações trabalhadas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A **Figura 8** apresenta valores referentes ao período do início de 2016 até outubro de 2018. No início de 2016 até o final do mesmo, percebemos um acréscimo de quase R\$3,00 em sua cotação, mantendo seus valores por certo período. Do início de 2017 até o fim do ano, a empresa obteve um decréscimo em torno de R\$3,10, perdendo todo seu aumento decorrido do ano de 2016. Daí por diante, a cotação foi degradando como podemos ver na **Figura 9**, com referência os anos trabalhados neste trabalho.

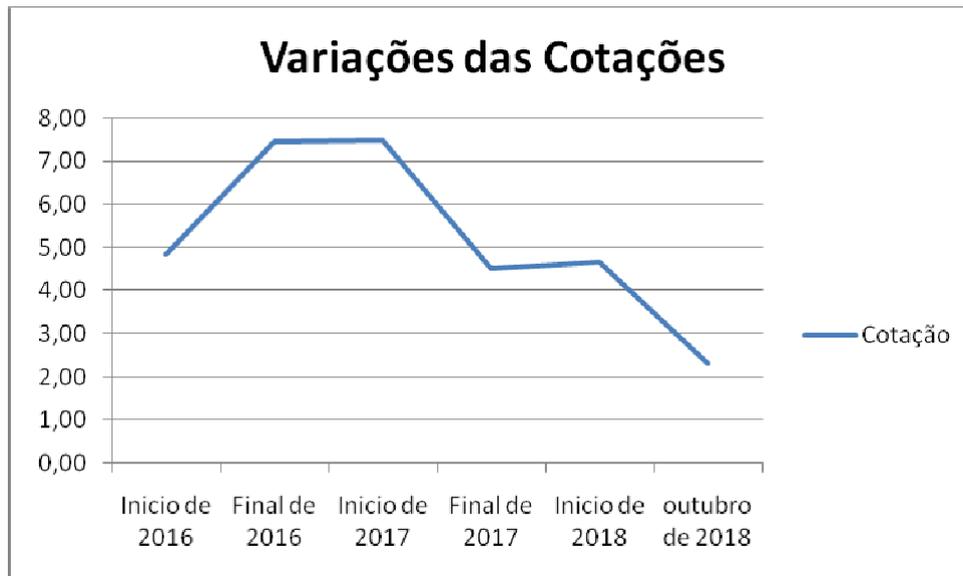
Figura 9 – Variações das Cotações

Fonte: Adaptado de ADVFN (2018).

A **Figura 9** representa todas variações acontecidas há 2 anos ate o início de outubro, onde visualiza-se uma linha de tendência com tendência de diminuição das cotações.

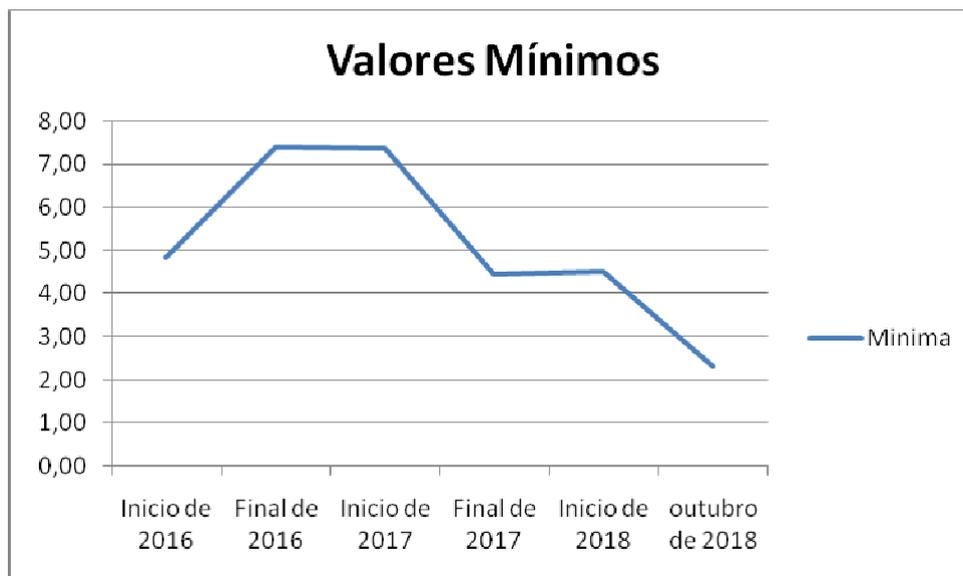
Para melhor entendimento dos preços das ações que foram trabalhadas, houve a divisão entre três gráficos: Gráfico das Variações das Cotações, Gráfico dos Valores Mínimos e o Gráfico dos Valores Máximos, todos contendo períodos e valores iguais.

Figura 10 - Variações das Cotações Trabalhadas.

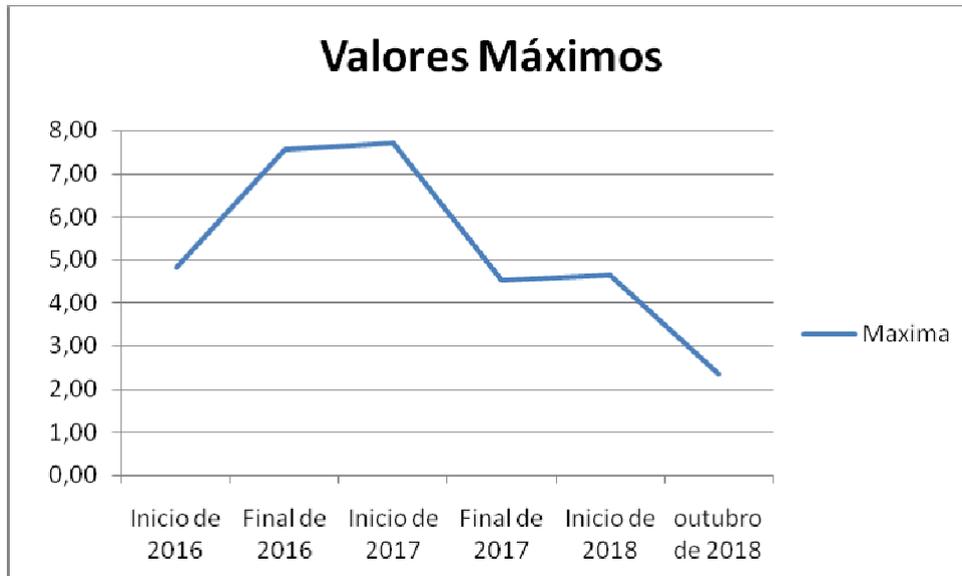


Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Figura 11 – Valores Mínimos



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Figura 12 - Valores Máximos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Comparando as **Figuras 10, 11 e 12**, diante dos seis pontos de tempo trabalhados, percebemos que os valores das cotações obteve seus valores mínimos equiparados, podendo assim dizer com relação a gráfico dos valores mínimos uma igualdade entre eles, com uma leve alteração de preço.

Por outro lado, a **Figura 12**, dentre os pontos início de 2016 ao início de 2017, obtiveram um aumento com valores quase chegando a R\$8,00. Daí por diante, os mesmos foram iguais, decaindo ano após ano, ate o último ponto, com marco no início de 2018, com valores um pouco acima de R\$2,00, observando a triangulação de dados a seguir.

TABELA 12 - Valores das Ações trabalhadas.

	Início de 2016	Final de 2016	Início de 2017	Final de 2017	Início de 2018	Outubro de 2018
Cotação	4,83	7,44	7,47	4,51	4,64	2,30
Mínima	4,83	7,41	7,39	4,44	4,51	2,30
Máxima	4,83	7,55	7,71	4,53	4,65	2,35

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Na **Tabela 12**, é apresentada a cotação, que em 2016, iniciou no início de 2016 com o valor de R\$4,83, fechando o ano de 2016 em seu ponto máximo, atingido no período, com valor positivo de R\$ 7,47, logo os valores foram diminuído ano após ano.

4.4 Síntese dos Resultados e Discussões

Esta seção evidenciou os indicadores econômico-financeiros e de ações, em conjunto com a análise horizontal e vertical, sempre com o propósito de identificar o desempenho da empresa no quesito investimento, olhando o lado econômico, financeiro, patrimonial e suas ações, dentro dos indicadores possíveis.

Diante destes, observa-se acentuada queda dos indicadores, assim comparados com o preço da ação entre o final de 2016 à 2017. Os indicadores de liquidez, de rentabilidade, de endividamento e os indicadores de ação, reduziram entre os períodos analisados. Podemos destacar entre eles apenas um indicador, o Giro de Ativos, onde seu aumento foi de 0,01 em relação de 2016. Tal aumento é insignificante para a empresa, sendo que o pequeno acréscimo comparado com os demais indicadores acaba se tornando um regresso.

Retirando o Giro de Ativos, nota-se a grande redução de seus índices, demonstrando toda oscilação do Balanço Patrimonial e sua Demonstração de resultado entre o ano de 2016 e 2017. Para facilitar a identificação e visualização, a comparação dos indicadores foi apresentada na **Tabela 13**.

Tabela 13 - Comparativo entre as cotações e seus indicadores.

	2017	2016
Cotação	4,51	7,44
Liquidez seca	0,54	0,54
Liquidez Corrente	0,75	0,82
Liquidez Imediata	0,10	0,12
Liquidez Geral	0,86	0,95
Giro do Ativo	0,6	0,59
Margem Líquida	-0,16	-0,05
Rentabilidade do Ativo	-0,1	-0,03
Rentabilidade do Patrimônio Líquido	0,57	0,64
Participação de Capitais de Terceiros	-6,99	-21,8
Composição de Endividamento	0,39	0,42
Imobilização do Patrimônio Líquido	-3,56	-11,94
Lucro por Ação	-3,84	-1,35
Preço sobre Lucro por Ação	-1,17	-5,52

Dividendo por Ação	-	-
Rentabilidade de Ação	-0,85	-0,18
Valor patrimonial por ação	-6,73	-2,1
Caixa sobre Rentabilidade da Ação	0,11	0,17

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A **Tabela 13** apresenta os resultados forma conjunta, evidenciando seus resultados. A variação vem da linha comparativa que é a Cotação da Ação, usando-a como base comparando e mostrando um valor de um ano para o outro uma redução de quase 3,00 da sua cotação. Diante do histórico deste pivô (cotação da ação), ficando fácil destacar sua redução puxando os demais indicadores para baixo diante do futuro incerto.

5 CONCLUSÃO

Apesar do crescimento do mercado de ações, parte dos investidores acaba correndo riscos, pois as alterações deste mercado são diárias e complexas e a falta de conhecimento pode vir a causar perdas e prejuízos a estas pessoas.

O investidor deve manter-se atento aos fatores que poderão influenciar em suas compras e vendas de ações. Dentre as informações necessárias, destacam-se aquelas que apresentam o estado financeiro da empresa e suas respectivas variações.

Esta pesquisa teve como objetivo demonstrar a importância da utilização de instrumentos contábeis para alcance de um investimento rentável na Bolsa de Valores, através de um estudo de caso em uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais. Para responder ao objetivo proposto, foi realizada pesquisa bibliográfica para obtenção de maiores conhecimentos sobre o tema e, logo após, foram efetuadas análise horizontal, vertical, de indicadores fundamentalistas e de ações, além de análise gráfica.

Diante do exposto, chegou-se a seguinte questão de pesquisa: Qual a importância da utilização de instrumentos contábeis para alcance de um bom investimento na Bolsa de Valores, através de um estudo de caso em uma empresa de capital aberto situada no Centro-Oeste de Minas Gerais?

Após a pesquisa, conclui-se que, com o estudo minucioso das demonstrações financeiras das empresas, os investidores poderão obter importantes informações para sua tomada de decisões. Um bom resultado no mercado de capitais depende de uma pesquisa e análise sobre a empresa em que se pretende investir, utilizando para isso, a transparência da Bolsa de Valores, os indicadores disponíveis e gráficos resultantes das variações apresentadas pela empresa.

Com relação à empresa de capital aberto, através da análise fundamentalista, verifica-se que esta apresenta resultados insatisfatórios no quesito liquidez e solvência nos dois anos em análise. Sua lucratividade também encontra-se desfavorável, apresentando margem líquida abaixo de 1 nos períodos. A rentabilidade sobre o ativo também apresentou-se negativo e a do retorno sobre o capital próprio também apresentou resultados abaixo de 1 (um), nos dois anos.

Por meio dos indicadores de ações e da análise gráfica, nota-se que o valor das ações da empresa vem decaindo ao longo dos períodos evidenciados. Conclui-se diante dos dados trabalhados a importância da utilização das devidas ferramentas, sendo elas fundamentais na demonstrações de resultados visando decidir se é um bom investimento.

Os investidores, ao buscarem por negociações na Bolsa de Valores necessitam do uso de ferramentas contábeis, como a análise das demonstrações financeiras, para que não venha a ter possíveis prejuízos em suas aplicações.

Para resultados mais interessantes de pesquisa, sugere-se a realização de estudos comparando os resultados desta empresa de capital aberto com os de organizações do mesmo segmento. Dentre as limitações, pode-se citar o período reduzido de análise, que se limitou em dois anos.

REFERÊNCIAS

ADVANCED FINANCIAL NETWORK. **Análise Gráfica**. Disponível em: <<https://br.advfn.com/educacional/analise-tecnica>> Acesso em 23 agost. 2018.

ASSAF NETO, Alexandre; LIMA, Fabiano Guasti. **Fundamentos de Administração Financeira**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia Básica para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Cursos**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2011

BM&FBOVESPA. **Bolsa de Valores do Brasil**. Disponível em: <www.bmfbovespa.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2018

Bradesco Corretora, **Apostila de Análise Gráfica**. 2018 Disponível em: <https://www.bradescocorretora.com.br/BradescoCorretora/static_files/portal/files/gdc/Apostila_AnaliseGrafica.pdf>; Acesso em: 25 agost. 2018

BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações Contábeis: estrutura, análise e interpretação**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BRASIL. Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as Sociedades por ações. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Nacional, 1976.

BRUNI, Adriano Leal. **A análise contábil e Financeira**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CAVALCANTE, Francisco; MISUMI, Jorge Yoshio; RUDGE, Luiz Fernando. **Mercado de Capitais: o que é, como funciona**. 7. ed. São Paulo: Elsevier, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Princípios fundamentais e normas brasileiras de contabilidade**. 3. ed. Brasília: CFC, 2008. Disponível em: <www.cpc.org.br/cpc/documentos-emitados/pronunciamentos.html>; Acesso em: 20 jun. 2018.

FERRARI, Ed Luiz. **Análise de Balanços**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Eugênio Celso; BAPTISTA, Antônio Eustáquio. **Contabilidade Geral**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de Balanços**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

IZIDORO, Cleyton. **Mercado de Capitais**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

LINS, Luiz dos Santos; FRANCISCO FILHO, José. **Fundamentos e Análises das Demonstrações Contábeis: uma abordagem interativa**, 1. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis: Contabilidade empresarial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Eliseu; MIRANDA, Gilberto José; DINIZ, Josedilton Alves. **Análise Didática das Demonstrações Contábeis**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MERTON, Robert C.. **Finanças**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

MORAIS JUNIOR, José Jayme. **Contabilidade Geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

PINHEIRO, Juliano Lima. **Mercado de Capitais**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

ROSSETTI, Jose Paschoal. **Introdução à Economia**. 20. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PADOVEZE, Clóvis Luis; BENEDICTO, Gideon Carvalho. **Análise das Demonstrações Financeiras**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

PEREIRA, Cleverson Luiz. **Mercado de Capitais**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

RIBEIRO, Osni Moura. **Estrutura e Análise de Balanços**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jany. **Pesquisa Social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projeto de Estágio e de Pesquisa em Administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Alexandre Alcântara da. **Estrutura, Análise e Interpretação das Demonstrações Contábeis**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VICECONTI, Paulo; NEVES, Silvério das. **Contabilidade Avançada**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2013

ANEXOS

ANEXO A - Balanço Patrimonial da Empresa Analisada	69
ANEXO B - Demonstração do Resultado do Exercício da Empresa Analisada.....	71

ANEXO A – Balanço Patrimonial da Empresa Analisada

Ativo	2017	2016
CIRCULANTE	R\$	R\$
Ativo Total	8.635.436,00	9.293.290,00
Caixa e equivalentes de caixa	170.019,00	260.939,00
Aplicações financeiras	215.535,00	241.193,00
Instrumentos financeiros derivativos	37.687,00	67.059,00
Contas a receber	335.012,00	256.309,00
Estoques	827.980,00	1.131.511,00
Ativo biológico	941.844,00	1.089.462,00
Impostos a recuperar	339.847,00	183.004,00
Outros créditos	78.457,00	102.767,00
Ativos mantidos para venda	3.506,00	3.506,00
Total do Ativo Circulante	2.949.887,00	3.335.750,00

NÃO CIRCULANTE	R\$	R\$
Realizável a longo prazo		
Aplicações financeiras	21.920,00	18.705,00
Adiantamentos a fornecedores	18.830,00	30.474,00
Depósitos judiciais	345.439,00	285.113,00
Impostos a recuperar	87.858,00	262.033,00
Imposto de renda e contribuição social diferidos	62.125,00	7.044,00
Outros créditos	11.648,00	18.525,00
Investimentos	185.215,00	204.644,00
Ativo imobilizado	4.026.446,00	4.200.224,00
Intangível	926.068,00	930.778,00
Total do ativo não circulante	5.685.549,00	5.957.540,00

Passivo	2017	2016
CIRCULANTE	R\$	R\$
Total do Passivo e Patrimônio Líquido	8.635.436,00	9.293.290,00
Empréstimos e financiamentos	2.097.934,00	2.354.234,00

Adiantamentos de clientes no País	23.379,00	16.588,00
Adiantamentos de clientes no exterior	369.528,00	328.158,00
Fornecedores	987.235,00	906.182,00
Provisões e encargos sobre a folha de pagamento	116.623,00	137.165,00
Impostos e contribuições a recolher	95.514,00	33.182,00
Instrumentos financeiros derivativos	41.635,00	201.000,00
Outras obrigações	203.806,00	115.911,00
Total do passivo Circulante	3.935.654,00	4.092.420,00

Passivo	2017	2016
CIRCULANTE	R\$	R\$
Empréstimos e financiamentos	3.355.261,00	3.552.494,00
Adiantamentos de clientes no exterior	2.379.130,00	1.595.713,00
Fornecedores	1.310,00	4.667,00
Imposto de renda e contribuição social diferidos	41.358,00	98.677,00
Instrumentos financeiros derivativos	12.018,00	20.828,00
Provisões tributárias, trabalhistas, cíveis e ambientais	305.145,00	314.992,00
Outras obrigações	47.355,00	60.248,00
Provisão para perda em investimentos	-	-
Total do passivo não circulante	6.141.577,00	5.647.619,00

PATRIMÔNIO LÍQUIDO	2017	2016
	R\$	R\$
Capital social	2.618.214,00	2.618.214,00
Reserva de capital	1.360.072,00	1.355.616,00
Prejuízos acumulados	- 4.971.760,00	- 3.835.366,00
Outros resultados abrangentes	- 460.181,00	-601.691,00
Total do patrimônio líquido dos acionistas controladores	- 1.453.655,00	- 463.227,00
Participação dos acionistas não controladores	11.860,00	16.478,00
Total do patrimônio líquido	- 1.441.795,00	- 446.749,00

ANEXO B - Demonstração do Resultado do Exercício da Empresa Analisada

	2017	2016
	R\$	R\$
RECEITA LÍQUIDA	5.147.716,00	5.452.756,00
Custo dos produtos vendidos e dos serviços prestados	-4.597.261,00	-4.708.058,00
LUCRO BRUTO	550.455,00	744.698,00
Gerais, administrativas e de vendas	-508.051,00	-497.915,00
Resultado de equivalência patrimonial	-3.394,00	-5.011,00
Outras receitas operacionais	44.435,00	85.105,00
Outras despesas operacionais	-229.844,00	-49.981,00
RECEITAS (DESPESAS) OPERACIONAIS	-696.854,00	- 467.802,00
LUCRO (PREJUÍZO) OPERACIONAL ANTES DO RESULTADO FINANCEIRO	5.192.151,00	5.537.861,00
Receitas financeiras	42.088,00	64.614,00
Despesas financeiras	-673.037,00	-541.395,00
Derivativos	-3.843,00	-169.737,00
Variação Cambial	-243.469,00	270.433,00
RESULTADO ANTES DA TRIBUTAÇÃO	4.313.890,00	5.161.776,00
IMPOSTO DE RENDA E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL	201.519,00	-187.813,00
RESULTADO DO PERÍODO	4.515.409,00	4.973.963,00